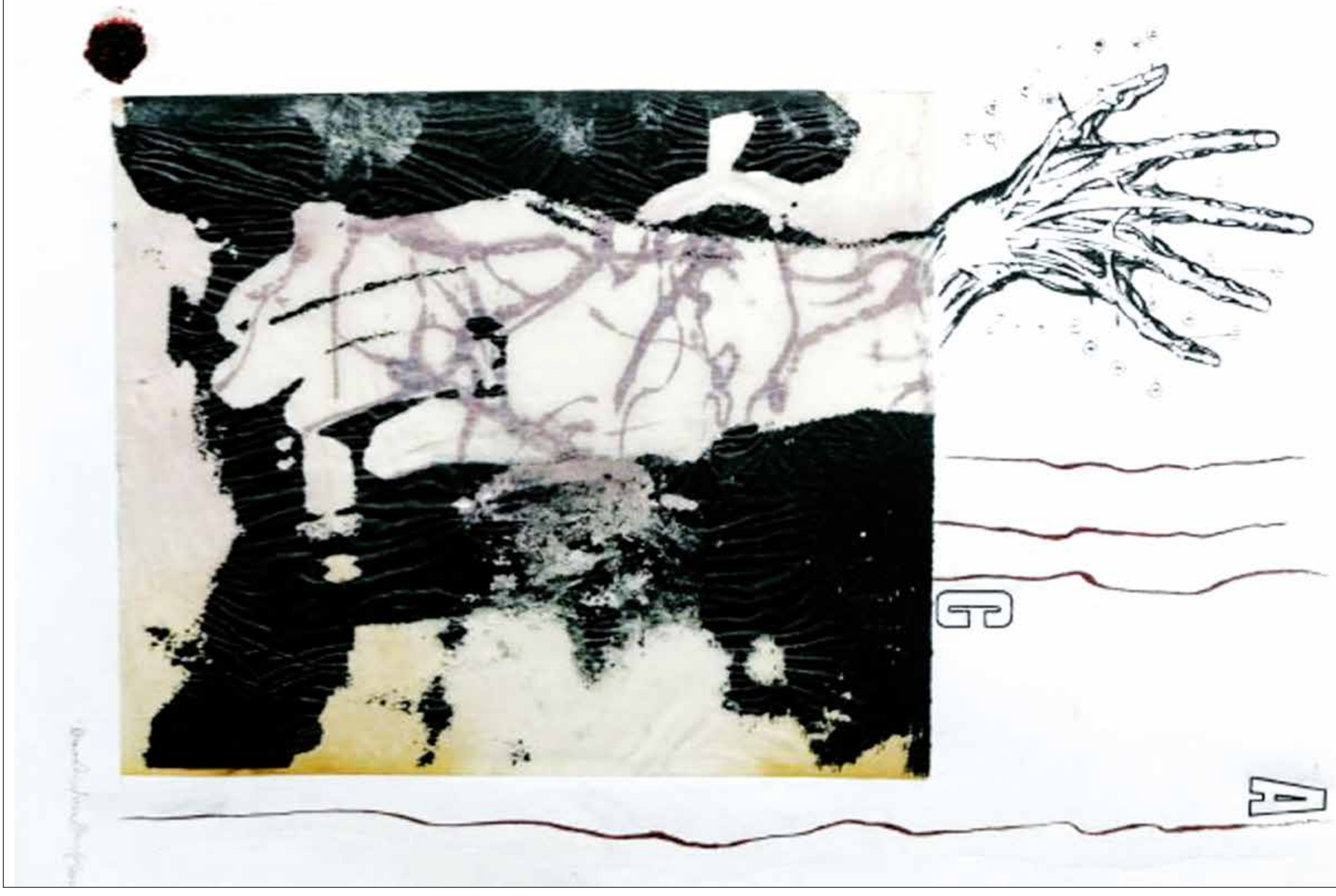
SUPLEMENTO

Belo Horizonte,
Julho/Agosto de 2019
Edição nº 1.385



A Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais está comemorando o centenário de sua Coleção Mineiriana. Com a publicação dos depoimentos de suas diretoras Alessandra Soraya Gino Lima e Eliani Gladyr e dos especialistas Caio Boschi, Débora Veríssimo Costa e Plauto Cardoso, o Suplemento Literário se une às justas honrarias.

A experiência de um conto escrito por três autores, Sérgio Fantini, Adriane Garcia e Tadeu Sarmento, a ficção do paulista Bernardo Ajzenberg e do gaúcho Flávio R. Kothe, a poesia do russo Aleksandr Pushkin — traduzida por Gaspar Garreto —, e poemas de Jacyntho Lins Brandão, Nina Rizzi e Adriano Cirino também se fazem presentes.

O editor Wagner Moura conta sua trajetória em entrevista a Ana Paula da Costa, Mário Alves Coutinho comenta a tradução criativa das obras de William Blake e de D. H. Lawrence, Ronaldo Cagiano analisa a poesia de Prisca Agustoni e Humberto Werneck destaca a força do livro *Meus começos e meu fim*, no qual o jornalista Nirlando Beirão narra a história de seus antepassados e de seu próprio drama nos dias atuais.

O desenho da capa é de Ana Cristina Brandão.

Governador do Estado de Minas Gerais Romeu Zema
Secretário de Estado de Cultura Marcelo Landi Matte
Secretário de Estado de Casa Civil e Relações Institucionais Custódio Antônio de Mattos
Subsecretário de Imprensa Oficial da Secretaria de Estado de Casa Civil e Relações Institucionais Rafael Freitas Corrêa
Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário Lucas Guimaraens

Suplemento Literário
Diretor Jaime Prado Gouvêa
Coordenador de Promoção e Articulação Literária João Pombo Barile
Coordenadora-Adjunta de Apoio Técnico e Revisora Flávia Figueirêdo
Escritório de Design Gíria Design e Comunicação
Design Gráfico e Diagramação Carolina Lentz - Gíria Design e Comunicação
Conselho Editorial Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza, Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Equipe de Apoio Rui Coutinho, Izabela de Souza (estagiária)

SUPLEMENTO

Capa: Ana Cristina Brandão

Jornalista Responsável João Pombo Barile – JP 74894 MG
ISSN: 0102-065x

Textos assinados são de responsabilidade dos autores
Acesse o Suplemento online: www.bibliotecapublica.mg.gov.br.

Mantenha seu cadastro de leitor sempre atualizado
através de nossos canais de comunicação:

Suplemento Literário de Minas Gerais
Praça da Liberdade, 21 – Biblioteca Pública – 3º andar
CEP: 30140-010 – Belo Horizonte, MG – 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br

50 ANOS DA COLEÇÃO MINEIRIANA

A Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais (BPEMG) tem o objetivo de implantar e gerenciar programas de formação, preservação, divulgação e acesso ao acervo bibliográfico sob sua guarda, atuando como biblioteca modelo para as bibliotecas públicas existentes no Estado e como centro de preservação da memória bibliográfica. Possui em sua estrutura atual 5 (cinco) diretorias e 8 (oito) setores de atendimento ao público.

O setor Coleções Especiais é responsável por preservar um acervo relevante pelo seu conteúdo representativo da cultura universal. Guarda uma joia rara que, em 2019, comemora 50 anos de existência.

A pomposa e importante Coleção Mineiriana é o mais completo acervo sobre Minas Gerais e produção de autores mineiros, abarcando várias áreas do conhecimento. Está distribuída em vários suportes informacionais entre livros, mapas, catálogos, manuais, folhetos, materiais audiovisuais e plantas. Criada pelo Decreto Nº 1.196 de 03 de agosto de 1969, atualmente conta com aproximadamente 20 mil exemplares.

Passeando por entre as estantes nos deparamos com primeiras edições, obras autografadas, anotações pessoais de autores consagrados mundialmente. Deleitamo-nos com a Minas Gerais retratada sob várias óticas e com algumas singularidades surpreendentes.

Caracteriza-se pela homogeneidade de estilo pela própria construção da identidade mineira que é resultado de miscigenação de raças e pela extensão territorial. A diversidade cultural do Estado reflete em publicações ricas de conteúdos que tratam dos mais variados assuntos. Ressaltando também a importância histórica no cenário nacional, onde Minas se faz presente nos principais episódios que contribuem para o desenvolvimento do país.

Por entre as montanhas tem um povo que produz muita literatura, poesia, música, culinária e participa ativamente da construção do cenário cultural mundial. O Barroco mineiro é uma das expressões artísticas mais belas e com publicações valiosas. Tudo isso temos disponível nas estantes da Coleção Mineiriana.

Presta um serviço de extrema importância aos pesquisadores que se debruçam sobre o tema e também ao Estado na preservação de sua memória. Seu acervo deve ser divulgado e disponibilizado a todos para que as informações ali contidas sejam compartilhadas de maneira universal.

O desenvolvimento da Coleção Mineiriana é fruto de um trabalho contínuo que alia pesquisa e conhecimento histórico. A história e cultura mineira estão muito bem preservadas e organizadas para serem consultadas por qualquer cidadão interessado.

Vida longa à Mineiriana! Que venham mais datas comemorativas para essa Coleção que tem uma função que a habilita qualitativamente para a preservação e guarda de parte significativa do patrimônio cultural do Estado. Ao longo dos 50 anos de existência é fonte segura e indispensável para pesquisadores, professores, estudantes de graduação e pós-graduação, escritores, jornalistas, historiadores, bibliófilos e principalmente por estar aberta ao público em geral.

ALESSANDRA SORAYA GINO LIMA
é Diretora da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

A HISTÓRIA DA E NA MINEIRIANA

CAIO BOSCHI

Embora não seja afirmativa singular, a consulta à Mineiriana, com perdão do pleonasmo, constitui-se em prazeroso exercício de bibliofilia. Mas, o que dizer,em breves palavras, sobre a cinquentenária coleção?

Assinalo, desde logo, que ela se nos apresenta como um conjunto de variada tipologia nos suportes e na natureza das publicações. Nos quase 20.000 títulos de díspares assuntos que atualmente a compõem, para além dos predominantes livros, há periódicos, mapas, discos, fitas VHS, CD-ROM, DVD. As quatro últimas espécies correspondendo a um dos fundamentos da Coleção, o de cultivar a memória audiovisual de Minas.

Demais, afirme-se que a trajetória e o relevo da Coleção Mineiriana, felizmente, têm sido objeto de estudos, como se constata em duas publicações alusivas a efemérides: uma respeitante à instituição que a abriga, outra, e a ela própria. [1]Escritos fundamentados e da lavra de quem melhor pode a eles se dedicar. O bom senso indicou-me, assim, que o depoimento de mero consulente deveria cingir-se a um aspecto particular, contemplando temática com a qual, no interior da Mineiriana, procuro ter maior familiaridade. Daí os apoucados apontamentos que se seguem relativamente à sua seção de História.

Na Mineiriana, encontramos publicações que se impõem como fontes históricas de escol, *verbi gratia* o raro volume 2 da primeira edição da *Historia do movimento politico que no anno de 1842 teve lugar na Provincia de Minas Geraes, escripta pelo Conego José Antonio Marinho*; ou o copioso relatório elaborado pelo conselheiro Joaquim Saldanha Marinho ao cessar, em 1867, suas funções na presidência da Província; as *Minas Geraes no XXº século*, de Rodolpho Jacob (1911), ou, ainda, a primeira edição das incontornáveis *História Antiga das Minas Geraes* (1904) e *História Média de Minas Geraes* (1918), de Diogo de Vasconcellos.

Menções qualitativas do diversificado acervo de obras históricas poderiam ser o objeto dessas linhas. Sobejariam boas alusões! A opção dos encômios aqui devidos encaminha-se, porém, para uma faceta peculiar que caracterizou os momentos embrionários do festejado conjunto de publicações e que afortunadamente se mantém.

Antes de apontá-la e porque a ela se associa, faça-se referência ao espaço físico ocupado pela Coleção. Vale dizer: de há muito, as instalações que acolhem a Mineiriana têm como patrono Eduardo Frieiro, personagem essencial no advento da Biblioteca, seu primeiro diretor durante quase uma década, e, anos mais tarde, chamado a integrar o grupo de intelectuais delineadores da Coleção.

Nessa qualidade, o autor de *Feijão, angu e couve* vincou expressiva vertente orientadora da formação do acervo da Mineiriana: a da garimpagem e especial valorização de publicações sobre assuntos mineiros escritas e editadas em circuitos não metropolitanos. Nas palavras de Aires da Mata Machado Filho, que integrou a comissão criadora da Coleção, avultava em Frieiro confessada

●●●

paixão pelas “brochuras impressas no interior do Estado, em pobreza tipográfica ingênua e limpa”.[2] Ou seja: o seu enternecimento para com “as brochurinhas de ignoradas tipografias”. Explicitação, desde sempre, da alma de um orgulhoso tipógrafo!

Cinco anos depois, Laís Corrêa de Araújo, guardiã e emuladora da Coleção, ratificava a postura inaugural. Disse: “quantas histórias regionais, estudos de costumes e da vida social mineira, biografias e memórias significativas, andam por aí, dispersas e desconhecidas, apesar da contribuição que certamente oferecem ao conjunto ‘mineirice / mineiridade’? Quantos livros obscuramente publicados em cidades do interior podem nos informar muito sobre as instituições de nossas vilas e cidades, seus homens, suas ações e seu folclore ou sua arte? (...) Não vive a ‘Coleção Mineiriana’ apenas do passado glorioso, mas se pretende também dinâmica e atuante no hoje”.[3]

Dessa forma, parte avultada da Mineiriana é formada por histórias dos municípios mineiros, não apenas daqueles surgidos em tempos pretéritos, mas igualmente os que se constituíram em anos mais próximos, de que é exemplo Ipatinga. Mais uma lição recebida: não se alcançam as sínteses sem se dispor das monografias. A compreensão da história universal se inicia com o entendimento da história local.

Assim, afrontando as diuturnas adversidades e a criminosa incúria com que o poder público trata os assuntos da Cultura, pela abnegação dos funcionários que a ela se dedicam, pela generosidade dos doadores, a Coleção Mineiriana da Biblioteca Pública Estadual sobrevive. Mais do que isso, prospera. Bem haja!

Nessa qualidade, o autor de *Feijão, angu e couve* vincou expressiva vertente orientadora da formação do acervo da Mineiriana: a da garimpagem e especial valorização de publicações sobre assuntos mineiros escritas e editadas em circuitos não metropolitanos.

---

1 CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega (org.). Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa: 50 anos de cultura. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais / Superintendência de Bibliotecas Públicas, 2006. 112 p.; PIACESI, Áurea Eloísa; ARAÚJO, Diná Marques Pereira de (orgs.). Suplemento Literário [de Minas Gerais]: Coleção Mineiriana. Belo Horizonte, dez. 2009. 38 p. (Edição Especial – 40 anos da Coleção Mineiriana).

2 MATA MACHADO FILHO, Aires. Perspectivas da Mineiriana. Boletim da Biblioteca Pública Luiz de Bessa. 1970.Republicado em: PIACESI, Áurea Eloísa; ARAÚJO, Diná Marques Pereira de (orgs.). Suplemento Literário [de Minas Gerais]: Coleção Mineiriana. Belo Horizonte, dez. 2009. 38 p. (Edição Especial – 40 anos da Coleção Mineiriana). p. 20-21.

3 ARAÚJO, Laís Correa de. Mineirice - Mineiridade – Mineiriana. Suplemento Literário[de Minas Gerais]. Belo Horizonte (MG),nº 405, p. 5, 1 jun. 1974. Republicado em: PIACESI, Áurea Eloísa; ARAÚJO, Diná Marques Pereira de (orgs.). Suplemento Literário [de Minas Gerais]: Coleção Mineiriana. Belo Horizonte, dez. 2009. 38 p. (Edição Especial – 40 anos da Coleção Mineiriana). p. 22-25.

CAIO BOSCHI
mineiro de Belo Horizonte, é professor aposentado da UFMG e da PUC e membro da Academia Mineira de Letras.

COLEÇÃO MINEIRIANA 50 anos

DE ACERVO EM ACERVO,

O LEITOR ENCHE O PAPO

DÉBORA VERÍSSIMO COSTA

Não faz muito tempo que consulto acervos, diria que comecei em 2012 a me dedicar com afinco a esse hábito. Seis anos antes já tinha experimentado algo próximo, o intuito na época era consultar um livro sobre as origens da fotografia, não se tratava de uma obra rara, e mesmo podendo levá-la para casa, pois era filiada a esta biblioteca específica, me decidi por permanecer no local e ler o livro ali mesmo. Dali em diante me decidi pelo ambiente das bibliotecas como o ideal para estudos e leituras que exigem concentração. É engraçado como me lembro de todos os acervos que já consultei, por vezes até mesmo a cadeira e a mesa em que sentei, se era de dia ou de noite, as pessoas que me auxiliaram ou estavam em volta. Lembro em especial das obras, da cor da capa cinza, capa dura, especificamente deste livro *Fotografia e Sociedade*, autoria de Gisèle Freund, que consultei em 2006 na biblioteca Alberto Antoniazzi PUC Minas. Seis anos mais tarde decidi seguir a carreira acadêmica, talvez ela é quem tenha me escolhido... Só posso dizer que, a partir deste momento, as consultas a acervos, e em especial bibliotecas, tornaram-se recorrentes em minha vida. Permanece esta sensação de que as lembranças dos lugares e das obras consultadas são tão nítidas que parecem ter acontecido ontem. Tratemos, portanto, de um belo dia em que, fatigada da maratona de leituras específicas do mestrado, me deixei perambular pelas estantes da biblioteca da faculdade de Letras da UFMG (FALE), e me deliciei com um livro de crônicas do Luis Fernando Veríssimo. Foi quase como tomar um café expresso curto e reto, me acordei de supetão. Outro hábito que se tornou recorrente desde esta época foi o que chamo de "leitura colateral": é não se contentar com o livro que você tanto se organizou para consultar, mas acabar por verificar também diversos outros que circundam as proximidades daquela obra. Alguns poderiam me acusar de dispersa e desfocada, mas particularmente, bibliotecas me despertam essa sensação. Sempre vou obstinada a ler algo, mas acabo por ler vários *algos*. Essa é a graça, sem exageros. Episódios outros como a vez em que consultei a obra *La presse féminine*, autoria de Évelyne Sullerot, na coleção especial da Biblioteca Central da UFMG, me lembram de uma leitura densa e focada, apoiada sobre uma mesa de madeira maciça em um ambiente silencioso. Outro caso foi a consulta da obra *Our face from fish to man,* de Wiliam Gregory. Obstinada a ler a obra por completo me enfurnei por uma semana no setor de obras raras da Faculdade de Medicina da UFMG. Saí satisfeita. Digamos que foi preciso ler a obra toda para concluir que utilizaria apenas uma sentença curta na minha pesquisa. O que buscava mesmo era estar naquele ambiente, consultando a obra. Atualmente me dedico à elaboração da minha tese de doutorado, verso sobre a história de Belo Horizonte contada através de cartões postais. E foi graças às consultas aos acervos públicos que dispomos em nossa cidade que cheguei a esse tema de pesquisa. É curioso como as coisas tomam um rumo que parece tão fácil, mas, olhando o passo a passo, no início não era nada óbvio. Entrei no doutorado em 2017 e estava obstinada a pesquisar a cidade de Belo Horizonte, história, memória. Me debrucei, portanto, em idas e vindas a diversos acervos: no primeiro ano da pesquisa me dediquei às cartografias, fachadas, projetos arquitetônicos, fotografias, ou seja, tudo o que

É engraçado como me lembro de todos os acervos que já consultei, por vezes até mesmo a cadeira e a mesa em que sentei, se era de dia ou de noite, as pessoas que me auxiliaram ou estavam em volta.

●●●

A pesquisadora Débora Veríssimo Costa

me chamava a atenção no Arquivo Público da Cidade de BH (APCBH). Para uma análise apurada sobre a história de determinados monumentos arquitetônicos, consultei, nesse mesmo período, os diversos dossiês disponíveis no Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA), sem mencionar os dossiês da Diretoria de Patrimônio da Fundação Municipal de Cultura (DIPC). No início de 2018 me obstinei a pesquisar o acervo iconográfico do Arquivo Público Mineiro, ali me deparei com parte da obra da historiadora Heliana Angotti Salgueiro, fato crucial para o caminhar da minha pesquisa. Com o afunilar, ou melhor, a tomada de consciência sobre a direção que daria à tese, desde meados do ano passado venho consultando o acervo iconográfico do Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB). Foi lá que me deparei com uma extensa coleção de cartões postais da Belo Horizonte do início do século XX. Partindo deste suporte – cartão postal – me inspirei a ler e reler conteúdos correlatos ao urbano: cartografia, transporte, comércio, ruínas, etc. A pesquisa ganhou corpo e fôlego para trilhar com mais exatidão o seu destino. Foi assim que, retomando a nitidez da lembrança quando rememoro a consulta a esses acervos, em outubro de 2018 durante a elaboração de um artigo sobre a vista urbana nos cartões postais da BH de 1910, recorri à obra *Casa Aristides, a saga de um lendário empório das gerais*, do historiador Walter Taveira, disponível para consulta pública, apenas na Coleção Mineiriana da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais. Foi assim que conheci, com muito apreço, o rico acervo dessa coleção, e desde então recorri diversas vezes aos conteúdos ali disponíveis para consulta. *La pensée française dans la fondation de Belo Horizonte: des représentations aux pratiques*, da historiadora Heliana Angotti Salgueiro, obra rara e de essencial importância para aqueles que pesquisam a história belo-horizontina, por exemplo, se encontra disponível para consulta física nesta coleção. Como exímia praticante da "leitura colateral", foi em abril de 2019 que decidi por consultar os diversos álbuns e almanaques da Belo Horizonte do início do século XX, disponíveis para consulta local na Coleção Mineiriana. Um deles em especial me chamou a atenção, e isso, penso eu, é totalmente subjetivo, a começar pelo título: *Álbum de fotografias das balas, cinquentenário de Belo Horizonte 1897-1947*. Entrei em êxtase ao me deparar com as diminutas imagens ali presentes: dos retratos de personalidades políticas aos principais estabelecimentos comerciais da época. Mas o nome do álbum, especificamente, foi o gatilho de tudo, pois fiquei me perguntando sobre as "balas", me pareceu hilário. Para a minha surpresa, a riqueza de imagens do álbum me prendeu a atenção por toda a tarde daquele dia, foi uma viagem na história belo-horizontina de 1947. Definitivamente me lembrarei deste dia: era uma tarde nublada, consulta sobre a mesa de madeira maciça, dois outros companheiros nas mesas ao lado focados em suas consultas, e o acervo a nos esperar para as pesquisas que nem planejamos ainda em realizar. Pois é assim mesmo, como diz o velho ditado: de acervo em acervo, o leitor enche o papo.

DÉBORA VERÍSSIMO COSTA
fluminense de Nova Friburgo, é doutoranda em comunicação social pela UFMG. Pesquisa a história de BH através dos cartões postais.

MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO

PLAUTO CARDOSO

Dos diversos instrumentos do homem, o mais assombroso, sem dúvida,
é o livro. Os demais são extensões de seu corpo.
O microscópio, o telescópio, são extensões de sua vista;
o telefone é extensão da voz; depois temos o arado e a espada,
extensões de seu braço.
Mas o livro é outra coisa: o livro é uma extensão
da memória e da imaginação.

Jorge Luis Borges

Saramago, com sua mordaz solenidade costumeira, nos lembrava que "somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos". Foi adiante e vaticinou que "sem memória não existimos, sem responsabilidade talvez não mereçamos existir". Imagine-se, então, a gravidade do compromisso em postar-se como guardião da memória e da imaginação de uma talentosa parte de um povo.

Recordar sonhos, recordar o passado. Segundo Borges, "essa é a função realizada pelo livro." Em *César e Cleópatra*, de Bernard Shaw, a biblioteca de Alexandria é lembrada como a memória da humanidade. A Coleção Mineiriana é a essência dos sonhos dessa mineiridade ousada e criativa que embala o passado, o presente e o amanhã de Minas Gerais.

Afinal, questionava Borges, o que é "o nosso passado senão uma série de sonhos?" Nesse contexto, é interessante pensar que algumas culturas indígenas não diferenciam a experiência vivida em sonho daquela acordada."Que diferença pode haver entre recordar sonhos e recordar o passado?", insistia o mago argentino cuja pena com assombro desconstruiu a relevância de se querer saber a diferença entre essas realidades.

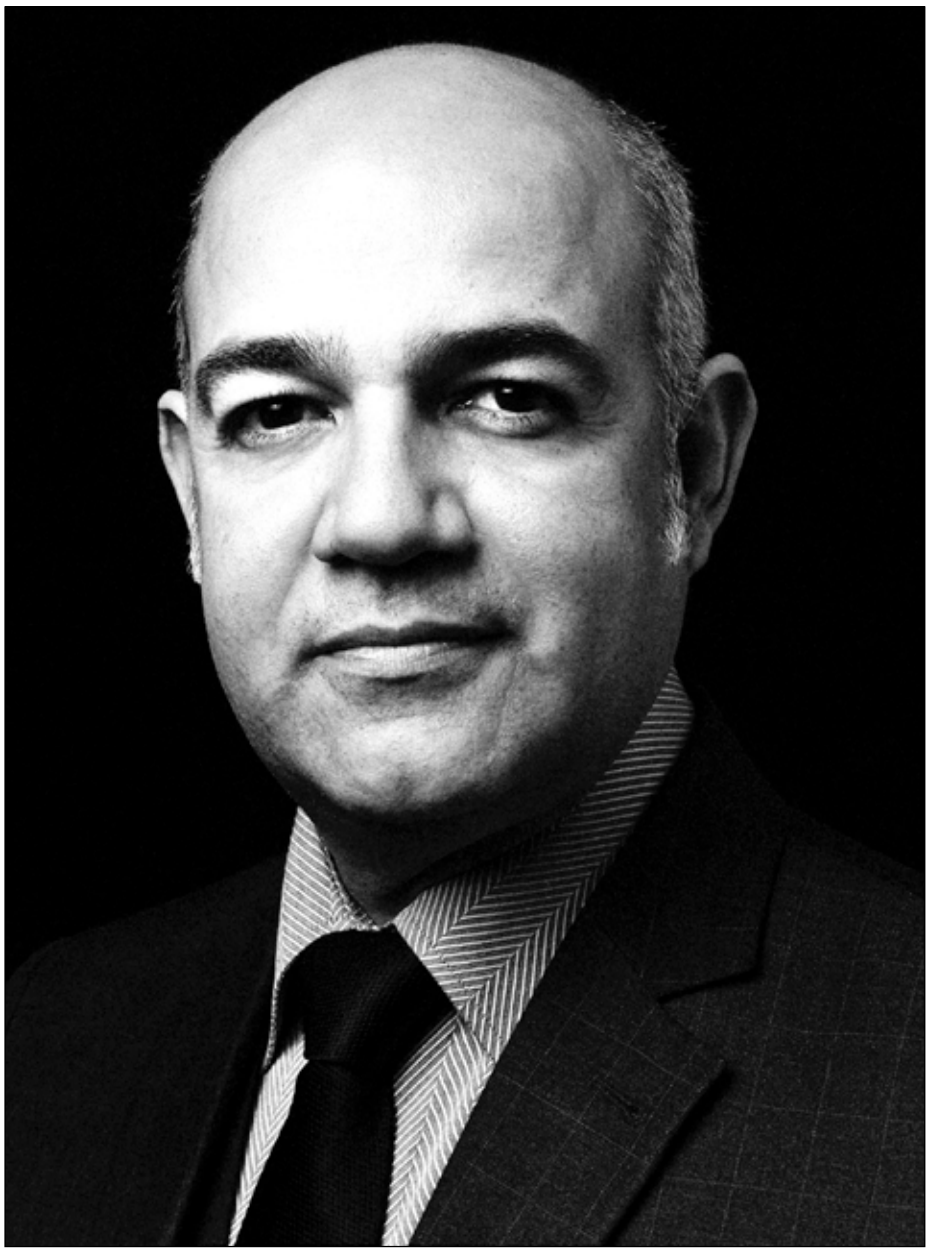
Adentrei, não sei se acordado ou em sonho, a Coleção Mineiriana pela primeira vez há alguns anos apenas. Lá conheci a guardiã da memória de Minas, minha querida amiga Eliani Gladyr. Viciado que fiquei em seu famoso cafezinho, de lá nunca mais saí. Volto sempre pra casa acolhido pelas generosas sombras do arvorio que cerca o sinuoso edifício de Niemeyer, seguindo os passos de Murilo Rubião e levando sempre uma cópia do Suplemento Literário embaixo do braço. Tradições são assim, pequenos rituais que um dia nascem, sabe-se lá por quê, e que ficam. Nos dão aquele imenso prazer em segui-las por serem uma ponte com algum momento prazeroso do passado.

Imagine o leitor, então, o norte do Estado de Minas Gerais ilhado como consequência de fortes enchentes. O governador encomenda ao diretor da Imprensa Oficial que crie uma seção de literatura no jornal oficial do governo, o único que chega aos moradores ilhados. Não parece crível hoje em dia que um chefe do executivo brasileiro pense que não só de pão vive o homem, mesmo – ou especialmente – em épocas de suplício. E olha que não estamos tão distantes assim da segunda metade dos anos 1960 quando isso de fato aconteceu e a iniciativa não submergiu com as águas e acabou por criar o influente Suplemento Literário, que embalou uma geração de impressionantes intelectuais mineiros, entre eles, mais uma vez, Murilo Rubião. Bom, mas esses eram tempos em que se governava para além da próxima eleição.

Veja o peso da responsabilidade que me acometeu com a doce surpresa do convite e honra em dobro de escrever essa impertinente coluna para o icônico Suplemento Literário em celebração dos cinquenta anos da célebre Coleção Mineiriana, depositária da memória de um povo com forte tradição poética e literária, oral e escrita, oráculo de mais de 24.000 volumes de sonhos e fantasias mineiras, povoada pelo próprio Rubião, Drummond, Guimarães Rosa, Henriqueta Lisboa, Pedro Nava e alguns intrusos como este autor.

Por que ficamos tão angustiados, crentes ou não, quando uma catedral arde em chamas a oito mil, novecentos e vinte e quatro quilômetros de Belo Horizonte? Por que morremos um pouco cada um de nós quando o Museu Nacional na Quinta da Boa Vista foi reduzido a cinzas? É porque

●●●



Plauto Cardoso

nos sentimos parte de uma mesma humanidade que parte de nós queima junto. Imagine o vazio de alma que teríamos sentido se aquele incêndio que consumiu parte do terceiro andar da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais, naquela fatídica madrugada do domingo de 23 de dezembro de 2012, tivesse pegado as escadas e decido um só andar a mais? O desconcertante é que a nossa Coleção Mineiriana foi salva por aqueles quem ela mais pode salvar: homens e mulheres em situação de rua e que dormem abrigados nas marquises desenhada pelo famoso arquiteto.

A Coleção Mineiriana é bem mais que guardiã de um passado de sonhos. É também nossa esperança de futuro, pois a única coisa que nos separa da barbárie é a educação. É a arte que fomenta exatamente o tipo de debate que nos mostra o quanto somos os mesmos bárbaros de sempre e o quanto temos que estar sempre alerta a isso pra nos protegermos de nós mesmos. Da violência individual, o direito dá conta. Da violência sistêmica, só a educação pode nos salvar. O que precisamos, afinal, é de porte de livro e não de armas.

Imagina se Clarice Lispector ouvisse 80 tiros disparados contra uma única família? Como teria reagido ela que, descrevendo a morte do famoso assassino Mineirinho, nos confidenciou que o primeiro e o segundo tiro lhe deram alívio e segurança, mas desabafou que "o terceiro me deixa alerta, o quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro." 13 tiros que mataram o Mineirinho. 80 tiros mataram um inocente músico no Rio de Janeiro.

Obras como *Antígona*, para tomar um exemplo bem antes do início da era cristã ou as peças de Shakespeare como o "Mercador de Veneza" do final do século XVII, que uso bastante em meus cursos de graduação de Processo Civil, mantêm a sua atualidade de maneira perene. O direito da época já há muito pereceu, pois o positivismo tem dificuldades com o tempo. O conteúdo da Coleção Mineiriana não.

É na arte onde a nossa humanidade encontra sua perenidade, onde nos encontramos nus e somos os mesmos. Ver essa mesma humanidade ruir envolta em chamas diante de nossos olhos reduz nossas chances de salvação como coletividade. É por isso que diante de tais desastres nos derramamos em prantos sem às vezes entender por quê.

Quando se mudava para assumir o cargo de juiz na fronteira com a Guiana Francesa, no então território do Amapá, um dos barcos que levava os livros do meu pai começa a se afundar. Sem hesitar e pensar no risco a que expunha sua vida, meu pai de pronto se joga nas águas incertas do Rio Amazonas na tentativa de salvar a vida daqueles que iriam lhe fazer companhia no meio da selva, longe de sua esposa e filhos: seus livros. Guardo até hoje alguns exemplares ainda marcados pelas manchas das águas amazonenses. Sempre imagino que me foram doados como lembrança de como se deve tratar livros.

Há quem creia que a roda foi a grande invenção da humanidade. Eu cá com os meus botões acredito que foram as linhas a tal grande invenção.

Um dia sem linha, um dia perdido. Respiro com alívio quando Humphrey Bogart me recorda que "nós sempre teremos Paris". Sei que sempre teremos a Mineiriana.

PLAUTO CARDOSO

brasiliense, é escritor, docente, pesquisador, advogado, professor de Direito da pós-graduação do Instituto de Educação Continuada da PUC/Minas e professor convidado da graduação da Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires (UBA), Argentina. É autor de *Cartas a Gualeguaychú* e *Novos Paradigmas da Pesquisa Sociojurídica*, entre outras obras.

COLEÇÃO MINEIRIANA 50 anos

SER E ESTAR NA COLEÇÃO MINEIRIANA

ELIANI GLADYR DA SILVA

É lá se vão quase dez anos à frente das Coleções Especiais da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais. Todas são fascinantes, ímpares e maravilhosas. Mas a Mineiriana... ah! A Mineiriana. Que Coleção! É um espetáculo à parte.

Quando a conheci, descobri porque o poeta falou que Minas são muitas. A cada livro, cada mapa, CD ou DVD que compõem essa coleção é como se fosse uma parte de um grande quebra-cabeça, aquele delicioso brinquedo que em minha infância tive o prazer de desfrutar. São peças que vão sendo incorporadas, uma a uma e trazem histórias das mais diversas áreas do conhecimento. Enriquecendo. Transformando. Aumentando cada vez mais.

A Coleção Mineiriana constitui uma infinidade de possibilidades. Cada autor com sua peculiaridade escreve o que passa a ser uma parte desse mundo mágico. Desprovida de preconceitos literários, o que vale é a memória do povo de Minas Gerais. Por isso não importa se o escritor é famoso ou não, se publicou dezenas de livros ou um simples livro das memórias de sua infância, um livreto de poemas, um best-seller. O importante é que a memória seja preservada.

Contar a história de nosso Estado desde os primeiros bandeirantes que adentraram pelas nossas matas à procura de riquezas passando pela inconfidência mineira, dialogando com o mestre Antonio Francisco de Lisboa ou trocando uma prosa com Guimarães Rosa, Murilo Rubião e outros tantos talentos que levaram o nome de Minas Gerais a outras partes do mundo todo. É como fazer uma colcha de retalhos, que aliás é outra tradição de Minas. Não posso me esquecer das deliciosas receitas de quitandas, da arquitetura , do futebol, da música, da dança, das artes plásticas, da política, geografia, fauna, flora, economia e outros tantos assuntos que compõem esse acervo. Faz de mim uma bibliotecária com privilégio que imagino, sem igual.

Poder atender aos pesquisadores que passam pelo setor diariamente e sanar suas dúvidas, ajudá-los a construir teses, monografias, dissertações que mais tarde se transformarão em publicações, que também farão parte desse acervo em um contínuo processo

Não posso me esquecer das deliciosas receitas de quitandas, da arquitetura , do futebol, da música, da dança, das artes plásticas, da política, geografia, fauna, flora, economia e outros tantos assuntos que compõem esse acervo.

●●●

Eliani Gladyr da Silva

de alimentação da memória de Minas Gerais, me dá vida, me faz sentir parte dessa coleção, eu mesma como se fosse um outro livro.

Ao comemorar os cinquenta anos de existência desta coleção, não posso deixar de apreciar os trabalhos das colegas que me antecederam na construção deste, que é sem dúvida o maior acervo sobre Minas Gerais. Profissionais de alta performance que ao seu tempo se empenharam com as forças que tinham para manter viva a história e memória de nosso Estado.

Ser e estar na Mineiriana me enche de prazer e satisfação, me permite ver que as montanhas de Minas não são feitas apenas de minério de ferro, são feitas de livros e de gente que escreve livros. Livros que falam da gente, de gente que fala nos livros. Ser e estar na Mineiriana me completa enquanto cidadã do mundo, pois Minas é um mundo cheio de mistérios, fazeres, culturas.

A Coleção Mineiriana tem a alma de cada mineiro, ela é a síntese e ao mesmo tempo a ampliação desse ser multifacetado que mistura sentidos dos mais diversos, fala com os olhos, é comedido e ao mesmo tempo generoso. Traz em si o cheiro da terra, que dá um boi pra não entrar em uma briga e uma boiada pra não sair dela, que usa o "trem" pra tudo. Esse é o povo mineiro. Que inspira, cativa, cria, faz e é feito de minério de ferro, pois o ouro acabou. A mina agora é de lembranças, é de memória, é Mineiriana.

ELIANI GLADYR DA SILVA
é Coordenadora do Setor de Coleções Especiais da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

WAGNER MOREIRA

(PARECERISTA, EDITOR, POETA, PESQUISADOR E PROFESSOR)

DEPOIMENTO A ANA PAULA DA COSTA

O meu princípio norteador é o de verificar se o trabalho do autor se apresenta como um projeto amadurecido. Isso varia se o original será a primeira publicação do autor ou não, se ele já tem uma experiência de escritura publicada. Definitivamente, esse projeto é pessoal e intransferível. Isto faz com que cada original exija de mim a compreensão do entendimento de escritura que ali se apresenta. E se o autor consegue em seu exercício criativo manter, do início ao fim de seu trabalho, uma coerência e uma coesão com aquilo que ele se propõe a fazer.

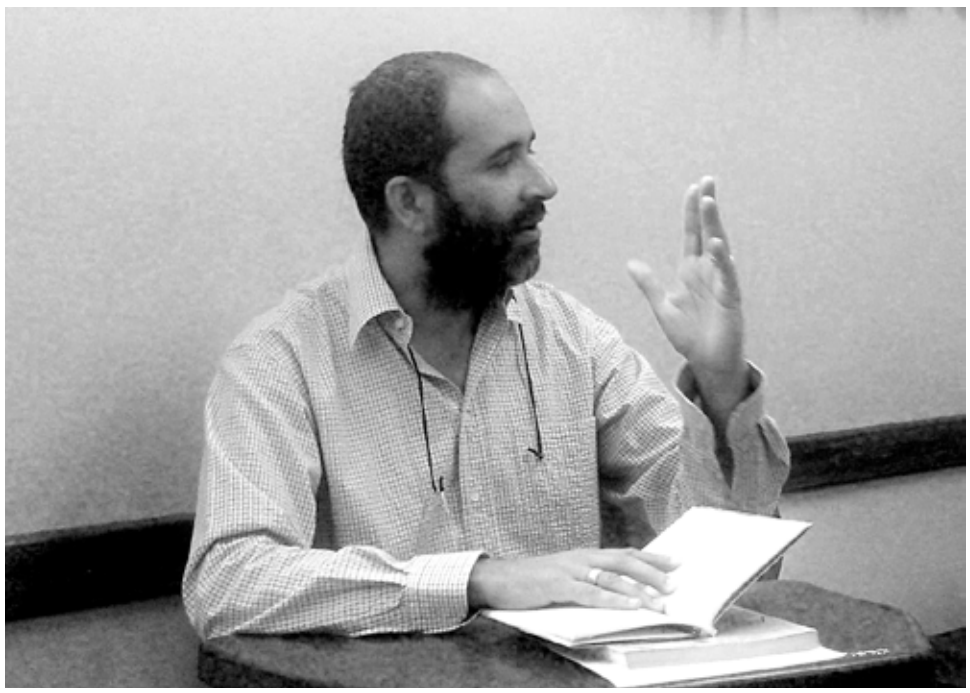
Wagner Moreira

Wagner, há quanto tempo você atua como editor da Scriptum? Fale um pouco sobre o início do seu trabalho junto a essa pequena casa editorial que vem realizando o lançamento de poetas e escritores que ganharam projeção nacional e até internacional.

Desde os anos de 1990, conheci a Livraria Scriptum, quando ainda não havia uma Editora, e claro, o Betinho (Welbert Belfort). Devo ter sido uma daquelas pessoas com as quais o Betinho dividiu a sua vontade em ampliar a Livraria com uma face de Editora. Conversamos bastante sobre se eu publicaria o meu primeiro livro pela sua Editora. Mas, acabei optando por realizar uma produção independente. Naquela época, ele tinha como princípio norteador publicar poesia, o que iria satisfazer as suas aspirações pessoais que são atravessadas por aspectos sociais, culturais e históricos. Isto, sem perder de vista, a esperança de com esse trabalho conseguir um retorno financeiro de bom sucesso, uma vez que ele é uma dessas pessoas que tem uma clareza crítica sobre o contexto mercadológico no qual vivemos e trabalhamos. Com o surgimento da Editora, o Conselho Editorial foi composto pelo Betinho e o Ricardo Aleixo. O que acredito ter sido uma ótima parceria, com significativos resultados para ambos. Após a saída do Ricardo Aleixo da Comissão Editorial da Scriptum, já no início dos anos 2000, como eu já vinha conversando sobre diversos assuntos relativos à produção de livros com o Betinho, tais como aquele que eu havia feito em 1998, como autor independente, este me convidou para participar como editor na Scriptum. Após alguns encontros, concordamos que o melhor formato para o Conselho seria a composição por três nomes, além do dele, Betinho, que presidiria as decisões. Dessa maneira, ficamos Rogério (Rogério Barbosa da Silva), Mário (Mário Alex Rosa), Betinho e eu. Todos muito alegres e felizes de poderem trabalhar em prol de algo que nos uniu, a poesia.

Realizamos um sem-número de reuniões para estabelecermos os parâmetros editoriais para a Scriptum. Contamos com a experiência poética, acadêmica e editorial de todos e, baseados na experiência da Scriptum, a qual já havia publicado alguns trabalhos, começamos as nossas ações conjuntas. Nessa fase inicial, sentimos a necessidade de nos encontrarmos regularmente, quase que todas as semanas. Quando

●●●



pouco, realizávamos um encontro mensal. A nossa finalidade era discutir sobre as ações de leitura, quais critérios adotar, como valorizar cada proposta, qual tipo de recepção faríamos dos originais, quais categorias privilegiaríamos, etc.

Desde o início, a parte financeira ficou com o Betinho. Isso é mais do que pertinente, pois, ele é o proprietário da Livraria e Editora Scriptum, e seu administrador principal. Quando muito, em nossas reuniões, discutimos estratégias para que a Editora pudesse realizar melhor o seu papel mercadológico, fosse construindo um produto de boa qualidade, fosse buscando parcerias com gráficas de bom desempenho na execução dos trabalhos, ou mesmo na distribuição e divulgação das publicações feitas pela Scriptum. Também discutíamos sobre a formação da equipe que trabalharia na Editora, uma vez que era necessária uma especialização nas ações editoriais para buscarmos um melhor desempenho nos trabalhos.

Você trabalha como parecerista de outras editoras?

Não sei como seria possível atender a duas editoras ao mesmo tempo. Talvez porque nunca tenha se apresentado a mim tal desafio. Mas, por princípio, acredito que seria algo extremamente delicado, pelo menos, até se estabelecerem os limites das ações entre ambas as funções desenvolvidas. Acredito que teria que pensar qual seria o perfil das editoras, se elas exerceriam papel de rivalidade mercadológica ou não, se as coleções e selos concorreriam uns com os outros. Quais seriam as funções específicas atribuídas a mim em cada uma delas e, se isso não configuraria um conflito moral ou ético, por exemplo. Enfim, é algo que só uma pessoa que vivencia isso pode responder com precisão sobre esse fato hipotético.

Explicitada essa exclusividade, e quanto ao processo de seleção dos originais da Scriptum, você lê em média quantos por mês? Quais são os critérios que guiam o seu parecer?

No princípio o número de leituras de originais era bem baixo. Houve ano em que não chegou a um livro por mês, se a memória não está me enganando. Com o passar dos anos e a visibilidade da Editora crescendo, isso chegou, no meu caso, a um original por semana. Isso ocorreu em apenas um ano. E, parece-me, por necessidade de se responder o mais agilmente possível aos autores. No geral, a média é de cerca de dois originais por mês, quando muito.

Essa é uma questão que pede um trabalho diferenciado, pois, em parte, cabe ao bom sucesso dos trabalhos anteriores chamar a atenção para a Editora. Isso inclui não apenas as premiações recebidas por livros ou as indicações como semifinalistas ou finalistas em concursos. Tudo isso ajuda e muito no conhecimento, no amadurecimento e na divulgação da marca Scriptum. Somado a isso, há a divulgação dos próprios autores. Sua experiência com a Editora, a relação de bom sucesso entre as expectativas e a realização da publicação, como um processo que envolve decisões editoriais conjuntamente com o autor. Também há os leitores que passaram a frequentar a Livraria e a esperar pelos lançamentos das peças da instituição e sua satisfação com o objeto. Como se pode notar, o processo de recepção de originais anuncia um universo mais amplo que apenas a leitura em si. E, claro, toda a equipe da Scriptum que exercita suas atividades ampliando os contatos tanto da Livraria quanto da Editora. Há toda uma correlação entre as ações editoriais que apontam para um processo que implica a existência de diversas forças que atuam para se configurar a recepção e a leitura dos originais.

Como dito anteriormente, a princípio, os critérios eram discutidos entre os editores. Com o crescimento do número dos originais enviados para a Scriptum, decidimos que seria mais produtivo que cada editor ficasse responsável por um original e, caso sentisse necessidade, ou se houvesse alguma questão que o Betinho trouxesse que pudesse interferir na recepção do trabalho, consultar-se-ia os outros colegas.

Independentemente da coleção, porque hoje se pode apontar a de poesia, a de ficção, a passeio público (que trata de variedades de interesse contemporâneo, em uma linguagem mais acessível ao público) e a de teoria, o meu princípio norteador é o de verificar se o trabalho do autor se apresenta como um projeto amadurecido. Isso varia se o original será a primeira publicação do autor ou não, se ele já tem uma experiência de escritura publicada. Definitivamente, esse projeto é pessoal e intransferível. Isso faz com que cada original exija de mim a compreensão do entendimento de escritura que ali se apresenta. E se o autor consegue em seu exercício criativo manter, do início ao fim de seu trabalho uma coerência e uma coesão com aquilo que ele se propõe a fazer. É a partir dessa categoria que começo a pensar a relação dessa escritura com a língua de poder e seus desvios. No caso da coleção de teoria e da passeio público (que está um pouco parada), até este momento, tem se tratado de adequar o trabalho acadêmico aos moldes de um livro mercadológico que possa ampliar o número de leitores para aquela escrita que nos interessa divulgar.

Diferentemente, para a coleção de poesia e a de prosa, há uma variação de trabalho para trabalho que depende do exercício de embate do autor com a língua. Verificado esse aspecto, também costumo observar a qualidade das imagens que a escritura cria ao se efetivar, pois, essa

categoria, em geral, apresenta uma face de empatia que pode ser despertada no futuro leitor, o que é um dos princípios de prazer para a leitura e, portanto, um aspecto relevante para a publicação de um texto.

Ainda, observo se o original faz aparecer claramente a tradição que evoca em seu exercício artístico. Por um lado, isso também determina se o texto cumpre o perfil da Editora ou não. Por outro, concluído que há uma correspondência entre essa tradição e o perfil editorial, passo a verificar se a modulação da escritura potencializa positivamente os diálogos anunciados ou se há alguma coisa que vale a pena ser modificado ou mesmo acrescentado ao original. Nesses casos, condiciona-se a publicação à concordância do autor às sugestões.

Também costumo levar em consideração se o original traz à baila alguma temática que já esteja sendo discutida por outras publicações presentes no mercado. Isso deve ser medido para que evitemos, por um lado, a questão do plágio e dos constrangimentos gerados por esse fenômeno. Mas, também, para verificar se o original agrega um valor diferenciado ao que já está em circulação. Se for dessa forma, a sua avaliação será positiva para ser publicado.

Gostaria de enfatizar que os princípios acadêmicos de recepção dos estudos literários se me servem, nessa avaliação, servem apenas como um dos nortes possíveis, pois, a aprovação e a publicação de um original não está vinculada aos princípios canônicos da academia. Elas podem e devem, sempre que possível, ampliar o cânone ou até mesmo negá-lo, como uma maneira de se afirmar uma época ou um procedimento sociocultural. Pensando por essa via, a leitura de um original é um exercício político e, portanto, apresenta uma face histórica do exercício de poder de qualquer editor. Só então o original passa para a equipe de produção que fará a proposta financeira ao autor. Dessa parte eu não participo. É preciso destacar que tudo isso implica a forma de revisão que cada original solicita. Esse também é um trabalho que a Editora exige do autor. Ela mesma não oferece tal serviço, mas costuma indicar profissionais que o fazem. E aceita a revisão realizada por profissionais contatados pelo autor.

A Editora Scriptum tradicionalmente tem preferência em receber originais impressos para serem analisados. Para você qual é a diferença entre ler no papel e ler na tela? Por que existe essa preferência que às vezes é criticada pelos aspirantes a autores que submetem seus trabalhos a esta casa editorial?

Tudo que se faz em qualquer trabalho é modificado pela experiência acumulada. Ela nos dá uma perspectiva única das ações e para os processos editoriais isso também vale. Devido a alguns mal-entendidos e para segurança dos autores e nossa, aqueles que desenvolvem atividades na Scriptum, resolvemos por esse formato, isto é, receber os originais impressos para efetuarmos nossas leituras. Por outra via, a leitura no impresso ainda se mostra muito mais confortável ao olho humano do que a digital. Pensando em um trabalho que requer muita atenção aos detalhes e que deve ser realizado com o maior grau de confiabilidade, produzindo o menor grau de estresse possível, pareceu-nos, durante esse tempo que essa seria a melhor fórmula.

Ainda, deve-se chamar a atenção para o fato de alguns autores quererem antecipar a leitura de seus originais, enviando-os diretamente para os editores e não para a Editora. Esse fato gerava sério constrangimento na organicidade da empresa, na relação desta com os demais candidatos a publicação e mesmo entre os editores, uma vez que produzia uma instabilidade nos procedimentos internos dirigidos para a publicação.

Muito recentemente, com as novas demandas de autores de outros estados e os recentes lançamentos de leitores digitais de melhor qualidade, a Editora Scriptum tem testado dirigir para seus editores algum original no formato digital. Ainda teremos que conversar a esse respeito para verificarmos a eficiência desse método tanto para o exercício do julgamento quanto para a manutenção da organicidade cronológica dos procedimentos de leitura de originais. Se acordarmos que esse cronograma seja respeitado, assim como a direção do original seja feita diretamente para a Editora, poderemos, sim, passar a aceitar o original nesse formato. Da minha maneira de entender, é preciso que todos os editores informem aos autores que somente por meio da submissão do original à Editora Scriptum é que ele será avaliado.

Para concluir essa questão, já tivemos casos em que um autor teve a sua análise realizada e, se beneficiando dos resultados desse trabalho, achou por bem realizar as melhorias sugeridas e publicar por outra editora o seu livro. Como se pode ver, a leitura dos originais impressos trazem uma série de garantias ao processo editorial. Pelo menos, até que possamos implementar outros procedimentos que garantam uma recepção e análise de acordo com os padrões que a Editora exige.

Além de atuar como editor, você também é poeta e figura no catálogo da Scriptum. Quando há essa inversão de papéis, quem é o seu primeiro leitor e parecerista do seu livro?

Anteriormente, já antecipei que conheci a Livraria Scriptum em seus anos iniciais, como leitor interessado em tudo que estivesse impresso. E a Scriptum sempre foi um dos lugares mais interessantes e aconchegantes que frequentei. Desde a rua dos Inconfidentes, esquina com a Pernambuco, até a rua Fernandes Tourinho, onde se situa hoje, venho frequentando a Livraria Scriptum. Isso diz que conheço o Betinho desde o seu início como proprietário de um negócio, pequeno e, como se pode ver, persistente. É nesse cenário que agreguei ao nosso relacionamento a simpatia e a amizade. Com elas, nasceu a confiança de ambas as partes para podermos trabalharmos juntos na Editora.

Entretanto, o primeiro livro que publiquei pela Scriptum foi com a editoria do Betinho e do Aleixo. Como eu já havia publicado dois livros de forma autoral independente, ganhei a oportunidade de interferir bastante no projeto gráfico, o que resultou em um livro que me agradou e pelo qual tenho muito carinho.

Anos mais tarde, vim a publicar um segundo livro pela Editora. Este, sim, já como editor atuante. Quanto a isso, gostaria de esclarecer que os editores com os quais trabalho são, também, escritores que o próprio Betinho reconhece como pertencentes ao imaginário de publicação da Editora. Para além disso, acredito que nenhum de nós proporia um

●●●

livro que não obedecesse aos critérios editoriais praticados pela Scriptum. E, qualquer um de nós poderia opinar contra a publicação de um colega editor. Geralmente, ficamos sabendo dos projetos dos colegas e fazemos as leituras respectivas, como sempre. No geral, nos abstemos de produzir um parecer se a compreensão for a de se publicar o original. Caso contrário, seguem-se as normas produzidas por nós mesmos. Como recebi o apoio, pessoalmente, do Betinho, do Rogério e do Mário para concretizar a publicação, dei continuidade ao processo. Creio que as conversas in loco substituíram o parecer, o que neste caso, seria algo burocrático e redundante. A não ser que se julgasse a não procedência da publicação. Isso ocorreu quatro vezes, pelo que me lembro, na Scriptum, com o Aleixo, com o Mário e comigo em livros de poesia e em um livro de teoria, com o Rogério e eu como organizadores.

Para mim, o primeiro leitor de qualquer autor é ele mesmo. Ao fim e ao cabo, é o autor quem decide como, onde e quando publicar seu original. Aqui no Brasil, parece que ainda não é um procedimento corrente o autor escrever sob encomenda para uma publicação. Isso tem mudado um pouco nos últimos anos, com a troca de informações entre procedimentos editoriais de diversos países, o que torna mais interessante o mercado editorial quanto as suas possibilidades. Mas, também, revela um risco da produção se submeter a movimentos políticos centralizadores, o que deve causar, no mínimo, uma reflexão a respeito desse fato.

Como você enxerga o papel da editora Scriptum no processo de lançamento de novos autores na cena contemporânea?

Primeiro, considero necessário localizar a Scriptum, ela é uma empresa de família, com o Betinho à frente do negócio. Isso se faz importante para se dimensionar o grau e a extensão de cada decisão tomada no âmbito da Editora. Como toda empresa de família, qualquer decisão envolve mais que a própria empresa, movendo todo o ambiente familiar consigo. É preciso, então, para esse perfil de empresa, ter-se o cuidado para se compreender as ações e seus tempos de execução. Esse tipo de empresa cola a sua imagem ao seu proprietário que, por sua vez, responde, mesmo fora do expediente de trabalho, aos seus procedimentos. Em outras palavras, se o Betinho tira férias e se encontra com alguém do meio, ele passa, imediatamente, ao tempo do negócio, interrompendo o seu ócio. Também significa dizer que mesmo em seu ócio, suas ações serão diretamente vinculadas à marca de sua Editora. Só isso deveria gerar um estudo que pensasse a diferença entre as editoras familiares e aquelas que se desvincularam ou nunca passaram por essa fase em sua consolidação no mercado.

Dito isso, acredito que a Scriptum tenha alcançado um lugar de destaque no segmento em que atua entre as editoras, a das pequenas. O fato de seu catálogo ter se diversificado, chegando à literatura infantojuvenil e à psicanálise, somado à recente necessidade de se abrir um novo selo, Alma de Gato, já seriam indícios fortes de sua relevante presença. Para mais, é preciso considerar que a Editora, já há alguns anos, recebeu o reconhecimento das distribuidoras de livros, o que também confirma o bom sucesso dessa empresa. Sabe-se que um dos pontos frágeis das pequenas empresas que trabalham com o livro é exatamente conseguirem que as distribuidoras se interessem em enviar para as lojas os seus produtos. Outro fator que chama a atenção, nesse sentido, é o fato de alguns dos autores de seu catálogo passarem a publicar por grandes editoras do país. Isso mostra uma consolidação dos trabalhos da Scriptum como uma marca de interesse social, cultural e mercadológico. Isso sem abrir mão de seus princípios norteadores: zelo, cuidado e clareza no trato com os autores e seus respectivos trabalhos.

Dessa maneira, pode-se pensar que a Scriptum, assim como diversas outras pequenas editoras, vem apresentando e confirmando a participação no mercado e na literatura brasileira de uma diversidade de autores de diferentes projetos literários. Isso é fato.

Dessa maneira, pode-se pensar que a Scriptum, assim como diversas outras pequenas editoras, vem apresentando e confirmando a participação no mercado e na literatura brasileira de uma diversidade de autores de diferentes projetos literários. Isso é fato. Todos aqueles que pertencem ao seu catálogo estão disponíveis e compõem o que genericamente se chama de literatura. Em nossa época, essa tem se revelado uma lógica poderosa para autores de menor prestígio mercadológico e acadêmico para serem reconhecidos, pelo menos culturalmente, como atuantes nessa grande massa pluriforme que é a literatura. Também autores de renome que deixaram de interessar às grandes editoras têm recorrido a essa estratégia de publicar pelas pequenas editoras e, assim, permanecerem em circulação. Esse é um fenômeno cultural.

A Scriptum, com o seu trabalho, está presente nesse cenário. Ela traz uma série de autores que, no mínimo, colocam em xeque diversas concepções do que venha a ser o literário, ora afirmando, ora provocando o tão propalado cânone que, por sua vez, responde ao mercado e à academia como lugares de poder que elegem os seus prediletos modelos literários. Em outras palavras, fazer circular a produção artística e intelectual é uma tarefa de suma importância, e a Scriptum desenvolve suas atividades com esse fim.

Como você avalia a presença de autores lançados pela Scriptum em antologias famosas, como a que foi realizada por Adriana Calcanhoto, no ano passado, ou no rol de autores significativos no mercado editorial brasileiro?

Esse é um dos fatos que dizem respeito aos meios de comunicação de massa, seja em sua versão impressa, seja em sua versão digital. Isso só confirma o que já disse anteriormente sobre a Scriptum com a sua política e com o seu papel histórico. Há e sempre houve a compreensão

de que os autores de seu catálogo devam buscar ampliar as suas relações de maneira que melhor compreenderem isso. Claro está que a Editora sempre cuida muito bem daqueles que retornam a ela para produzirem um segundo livro. Mas, jamais como uma obrigação ou mesmo como uma relação de fidelidade. Se há uma relação de lealdade, esta passa pelo reconhecimento do trabalho realizado pela Editora e, também, quando o autor está disposto, pelo convívio da amizade. Com esse espírito, a Scriptum incentiva essas participações. Não apenas em antologias, mas em eventos diversos que procuram apresentar os autores e seus respectivos trabalhos. Isso só agrega um valor positivo para a Editora, ampliando a divulgação de seus trabalhos.

Como você avalia a produção literária contemporânea?

A produção literária da atualidade é algo que não dá para se enxergar se se for pensá-la como um sistema completo, pois ela é, simplesmente, enorme, disforme, espalhada por todo o território nacional, se estamos pensando em Brasil, e diversificada ao extremo. Para além dos números registrados pelos mecanismos oficiais que regem a produção, a divulgação e a circulação de livros, hoje temos uma série muito maior que escapa a essas pesquisas. Daquilo que consigo ler ou ter notícia com a ajuda dos meios de comunicação de massa, ou por aqueles que apreciam o universo do livro, posso afirmar que ela é forte o bastante para fomentar o mercado editorial e para alimentar o imaginário do público, seja confirmando suas expectativas, seja abrindo-lhes novos espaços no exercício da imaginação.

Há uma série de discursos que tem por finalidade reunir essa produção sob perspectivas analíticas e de estratégias de venda. Prefiro pensar a literatura como um lugar de expressão da experiência do autor que, muitas vezes, pode corresponder a certos agrupamentos sociais. Isso se dá em ações individuais ou por meio de coletivos que tem em comum apenas o desejo de criar um uso da língua de maneira artística. Para pensar mais sobre esse aspecto, teria que ter em mãos algum exemplo.

Ainda se deve destacar o fato de a literatura, em sua expressão de conjunto heterogêneo, responder às forças sincrônicas e diacrônicas. Isso significa dizer que para o primeiro modo, ela dialoga com todas as formas de produção, de divulgação e de circulação do presente, oferecendo a quem queira perceber uma perspectiva da atualidade, inclusive tecnológica, na qual existe. Já no segundo modo, a percepção histórica faz aparecer nas mesmas categorias da produção, da divulgação e da circulação, modos diferentes do literário que, a partir de seu ponto de instauração, sua origem, agregam esse valor até o momento atual. Isso implica dizer que no presente a literatura se deixa apreender por uma série tecnológica, temática e técnica heterogênea, constituindo um panorama diversificado em sua caracterização. Também, se deve atentar para o fato de que no futuro a literatura deverá agregar valores diferentes àqueles que apresenta hoje, fazendo girar a sua percepção de acordo com os bens sociais, culturais, históricos, políticos e tecnológicos de sua época. A percepção dessa mobilidade é fundamental para o editor. Sem ela, o fenômeno com o qual trabalha perde em amplitude e em qualidade, podendo se descaracterizar valorativamente diante de discursos oportunistas e fugazes.

Em sua avaliação, como os governos poderiam apoiar o editor e o livreiro?

Há cerca de quinze anos, o governo federal fez um esforço em duas direções muito importantes para o universo do livro: o investimento na educação e o investimento no livro. A primeira, por si só, cria condições para a formação de um cidadão crítico, o que implica dizer que crianças, jovens e adultos em processo de alfabetização passaram a fazer parte do grupo de leitores potenciais. O IBGE traz a notícia de um aumento do número de leitores e, é evidente, esse fato está diretamente relacionado à política educacional que se pratica. A segunda, diz respeito ao programa do livro que fomentou a circulação, a divulgação e, por essa via, a produção literária. Houve investimento em programas de compra de livros nos níveis federal, estadual e municipal; incentivou-se a abertura de, pelo menos, uma biblioteca por cidade em todo o país, o que não cumpriu o número planejado, por princípio. Mas, aumentou a oferta literária significativamente. Promoveu-se ainda uma série de debates a respeito do livro entendido como um processo mercadológico e de criação. Era preciso que esses programas e esse debate continuassem em pauta para que todos os envolvidos no universo do livro pudessem dar a sua contribuição e pudessem compreender melhor a circunstância histórica na qual trabalhamos. Creio que os governos municipais, estaduais e federal deveriam estudar uma linha de crédito para fomentar a produção livresca em seus respectivos âmbitos. Isso significaria que o livro agregaria a sua face de produto mercantil um valor sociocultural de base para a formação continuada do social. Também implicaria o reconhecimento do escritor como um profissional que precisa viver e se dedicar exclusivamente a sua função, o que hoje ainda é para pouquíssimos autores. Enfim, é preciso que se discuta o que é o livro, qual a sua relação e a sua importância para a formação de um povo.

Como você enxerga o papel cultural da Livraria e Editora Scriptum e o que precisa ser feito para que ela não desapareça do mapa, a exemplo do que vem ocorrendo recentemente com o fechamento de outros espaços similares?

No momento em que a Scriptum promove a circulação do livro, a produção do livro em sua sede e em outros espaços pelo país, além do universo digital, além da divulgação de seus autores e de autores de outras editoras, fica evidente a sua ação cultural. Isso é da própria natureza desse trabalho e é muito bem realizado pela Scriptum.

Como todo empreendimento empresarial, a Scriptum está sujeita às variações do mercado no qual atua. Por ser uma empresa familiar, como já disse anteriormente, de pequeno porte, parece-me que há três alternativas mais fortes para o seu futuro: a primeira é o seu proprietário achar, por exemplo, que deseja aposentar-se e liquidar a empresa. O que seria uma perda em diversos níveis sociopolíticos, mas um direito do dono; a segunda, seria deixar como herança familiar a empresa e, assim sendo,

ela continuaria a existir nos moldes combinados por esse processo de modificação em sua presidência; e a terceira, a venda da empresa para outra do setor, ou de outro setor mercadológico que se interesse pela marca construída. Não há mágica no mundo dos negócios. Ele é frio, duro, por vezes perverso. Em qualquer uma dessas hipóteses, penso, haverá uma perda significativa no afeto daqueles que conviveram e convivem com a Scriptum. Isso vale para qualquer outra empresa com o perfil parecido com o da livraria e editora em questão.

Quanto a ação de riscar a Editora do mapa, ela só pode ser realizada, por exemplo, como ato de se contar uma história do livro da cidade de Belo Horizonte ou de Minas Gerais. Quem conta a história elege os fatos que lhe interessam. Mas, não elimina o que não foi referenciado pelo discurso de poder escolhido. Apenas oculta e, desse modo, revaloriza o que ficou à sombra.

Sendo professor no curso de Letras do CEFET, especializado em Tecnologias de Edição você não acha que existe um abismo entre a academia e a realidade? A academia realmente prepara as pessoas para o mercado editorial?

Compreendo a realidade como uma construção. Dessa maneira, não há abismo entre a academia e a realidade, pois, aquela faz parte da construção desta. Essa é uma imagem perpetuada, muitas vezes, para marcar a diferença de percepção de mundo entre aqueles que frequentam a academia e aqueles que não tiveram essa oportunidade na vida, ou mesmo escolheram não fazê-lo. Mas, é preciso dizer que há, entre esses dois grupos de pessoas, uma troca permanente de vivências que ora se aproximam, ora se distanciam, e formam o meio social no qual existimos. E mais, a academia absorve, em sua face de escola, o que Bakhtin diz sobre as relações sociais: há um movimento de refração e de reflexo promovido em todas as instâncias sociais e a escola também participa desse movimento. O que precisa ser pensado é como a academia opera essas diferenças e essas semelhanças em relação ao mercado de trabalho, por exemplo. Por essa via, a imagem do tal abismo parece querer cristalizar uma diferença para impor ao cidadão um Status Quo imutável. Eu não acredito nisso e não trabalho com essa finalidade.

Quanto ao Curso de Letras, com ênfase em Tecnologias de Edição, ofertado pelo CEFET-MG, é preciso dizer que tanto o Letras quanto o CEFET-MG são independentes do mercado de trabalho. Trabalhamos em um regime próprio com a prerrogativa de podermos dar a ver uma perspectiva nossa sobre o mundo do trabalho. Em minha concepção não formamos ninguém para o mercado. É preciso compreender que mesmo no nível técnico-tecnológico, o CEFET-MG não prepara nenhuma pessoa para o mercado de trabalho. O que a Instituição faz é oferecer a oportunidade para que o cidadão se forme na área escolhida por ele e se prepare para os desafios profissionais que são ofertados. Isso está diretamente relacionado com as forças dialéticas que mencionei anteriormente. O que fazemos no CEFET-MG, nos cursos de nível técnico-tecnológico, é criar a possibilidade de diálogo entre o que é esperado pela empresa e o que é ofertado pela Instituição de ensino. E esse processo tem como protagonista o formando que durante alguns anos trabalhou conosco.

A graduação tem como finalidade verticalizar uma série de saberes do cidadão na área que este escolheu. No caso do Letras, criamos condições para que o discente se forme como um intelectual que, sim, está apto a participar das atividades do mercado editorial, da forma dialética já explicitada: ora afirmando as posturas do mercado, ora marcando uma diferença para com o mercado e, portanto, ajudando a construir uma realidade diferente, no mínimo, problematizando o que já está em funcionamento maquinal. Destaco o fato de o agente desse percurso ser o discente. É ele quem decidirá sobre a sua formação. É ele quem decidirá sobre a qual área da edição se dedicará. É ele quem decidirá como será a sua formação, a partir dos elementos apresentados pelo Curso de Letras. Dessa maneira, se alguém quiser ser formado para o mercado editorial, sugiro os cursos técnicos ofertados na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Há vários de ótimo nível e, inclusive, há aqueles que formarão o cidadão para o trabalho imediato. Mas, o CEFET-MG não será, então, a escola para esse tipo de escolha. É preciso saber o que se quer da vida e procurar com cuidado os caminhos que levem ao desejo próprio.

Quanto às oportunidades de trabalho, em investigação iniciada no ano de 2013 e estendida até o ano de 2016, pude verificar que há, na RMBH, pelo menos, quatrocentas e cinquenta empresas pertencentes ao que se chama mercado editorial. Como entender que faltam oportunidades? Como entender que Belo Horizonte tem um mercado incipiente? Que tipo de empresa se espera para trabalhar? Qual campo específico está se pensando quando se fala em mercado editorial? Se o que a sua questão coloca é verdadeiro, só posso concluir que falta empenho por parte daqueles que desejam planejar o próprio futuro como trabalhador. Isso não é o papel de nenhuma graduação. Das características que o Letras trabalha com seus discentes que são necessárias para qualquer editor se pode enumerar a independência pessoal, o poder de crítica, a capacidade de trabalhar em equipe e a vontade de atuar, aprender e transformar o meio editorial, todas reunidas garantem uma base sólida para qualquer indivíduo poder se inserir no universo do trabalho, seja ele físico ou digital.

ANA PAULA DA COSTA
é mestranda em Estudos de Linguagens e graduada em Letras pelo CEFET-MG.

O PROFETA

ALEKSANDR PUSHKIN

Tradução de Nina Nikolaevna Epichina e Gaspar Garreto

Sôfrego por sede do espírito,
em sombrio ermo me arrastava
e um serafim com suas seis asas
na encruzilhada me surgiu;
com dedos leves como sonho
ele as pupilas me tocou
e sábias elas se tornaram
como as de uma águia assustada.
Ele os ouvidos me tocou
e de sons e ruídos se encheram
e o estremecer ouvi dos céus
e o voo dos anjos nas alturas
e o agitar de entes do mar
e a vinha a vicejar no vale.
E ele a meus lábios se inclinou
e me arrancou a língua falsa
e pecadora e maliciosa
e a língua bífida de sábia
serpente pôs com mão sangrenta
entre meus lábios congelados.
E com espada abriu meu peito
e o coração tirou-me trêmulo
e brasa ardente em fogo vivo
cravou-me então no peito aberto.
No ermo eu jazia como cadáver
e a voz de Deus a mim falou:
“Te erga, profeta, acorra e atende,
encha-te com minha vontade
e, a contornar mares e terras,
incendeie o coração dos homens.”

(1826)

GASPAR GARRETO
mineiro de Divinésia, é arquiteto e poeta. Publicou, em 1998, o livro de poemas *Árqueo*.

ANA NIKOLAEVNA EPICHINA
russa de Moscou, é engenheira mecânica e reside em Belo Horizonte.

ENCONTRO NO JARDIM

CONTO DE BERNARDO AJZENBERG

O jardim estava ali, disponível como sempre, formado de modo irregular e desarmônico por aquelas plantas teimosas surgidas espontaneamente ao longo do tempo no meio de entulhos, restos de madeira, cascalhos, no amplo quintal da casa dos anos 1940, quase um pequeno sítio em terreno urbano, bairro dito aprazível, tranquilo, distante do burburinho da cidade. Um limoeiro esquálido e um fícus de tronco espesso quebravam a vista baldia; de resto, só o ruderal mesmo, o qual, apesar do aspecto inóspito e agressivo, era alimentado, em seus tons pálidos de verde, com carinho pelo casal – como outros cuidam de canteiros floridos cultivados em torno de tanques de pedra e bordas arredondadas com águas translúcidas ou arranjos calculados de espécies nativas da mata atlântica.

Por volta das três e meia, depois da sesta dominical, o sol menos a pino, Azriel anunciou:

– Estou no quintal.

Fanny resmungou uma resposta qualquer enquanto lavava a louça do almoço e preparava um café. E acrescentou:

– Te levo lá com a bolachinha.

Azriel vestiu o boné vermelho e foi até a área de serviço pegar ao lado do tanque o vaporizador de plástico transparente, para preenchê-lo até a metade com o herbicida recomendado pelo jardineiro do vizinho. Na véspera fizera o quadrilátero mais próximo da casa. Agora iria mais adiante, cuidar da parte grudada ao muro dos fundos, onde o jardim conseguia ser mais desordenado ainda do que perto da casa. Era uma caminhada de pouco mais de cinquenta metros.

Quando se casaram, ainda muito jovens, mais de sessenta anos antes – um amor de juventude – , enquanto Azriel enrolava sem jeito a gravata cinza para cima e para baixo como sempre fazia em momentos de tensão, juraram ser fiéis um ao outro até que a morte os separasse. Foi esse o juramento solene e público. Agora, aos oitenta e seis anos de idade, ele respirou fundo, atravessou com seus passinhos lentos e curtos a parte já vaporizada do jardim grosseiro, passou ao lado do limoeiro, contornou o fícus. Ouviu o latido do vira-lata do vizinho e disse em voz baixa, embora preferisse ter exclamado aos berros: fica quieto, Galé!

Calculou que em meia hora o trabalho estaria concluído – queria ver o jogo das cinco da tarde na televisão. Perto do muro branco, depois de vaporizar um arbusto capenga, Azriel caiu de repente, do nada, uma tontura súbita, sem soltar um grito, como se lhe faltassem força e fôlego para isso. Tombou. O corpo miúdo contorceu-se no chão, a mão soltou o vaporizador e ele teve a certeza de que acabava de quebrar duas ou três costelas, como já lhe tinha acontecido outras duas vezes nos últimos cinco anos.

Permaneceu imóvel, gemendo de dor, sentindo a aproximação de uma espécie de desfalecimento. Não sabia o motivo da queda, tinha uma consciência velozmente descente daquilo que ocorria com ele e à sua volta. Pensou em chamar por Fanny, mas a voz não saía. Chamou-a para dentro dele mesmo, como se a esposa estivesse no seu próprio ventre. Fanny! A imagem da filha ciscou na testa. Os olhos se fecharam. Forçou-lhes a reabertura e conseguiu por uma fresta vislumbrar o azul do céu, que logo no entanto se apagou ao choque de um espasmo do corpo inteiro.

Fanny se aproximava com a xícara de louça branca e o pratinho com três bolachas água-e-sal sobre a bandeja de laca azul-marinho, e tinha acelerado o passo – na medida das poucas possibilidades de quem já atingiu os oitenta e sete anos – , pois, a testa enrugada, não sabia bem se Azriel estava agachado borrifando folhas ou simplesmente caído. Foi quando, depois de enxergar que, sim, o marido estava caído e parecia desmaiado, tropeçou, ela mesma, num pequeno monte de telhas de cerâmica cor de areia abandonadas no terreno desde a última reforma e despencou dando com o rosto nas plantas espinhosas – bandeja, xícara, pires, pratinho e bolachas voaram longe--, não sem antes bater com a cabeça no tronco do fícus e logo sentir que fios de sangue se formavam na têmpora direita.

Limpou o rosto com o guardanapo que se prendera à mão esquerda e começou a se arrastar – não conseguia erguer o corpo – em direção a Azriel. Murmurava Azriel, Azriel, Azriel, baixinho, como se falasse apenas para si mesma, ou como se Azriel estivesse, ele também, dentro do seu próprio ventre; falava o nome dele para dentro, sabia que não estava gritando, não conseguia, e rastejou até conseguir segurar a mão inerte do marido caído, apertar essa mão, entrelaçar seus dedos nos dedos dele. Fechou as pálpebras e ali se aplainou, estirando-se ao lado de Azriel.

Estranhando a ausência do telefonema diário de fim de tarde de Fanny, a filha Rute ligou no começo da noite para o vizinho, que, depois de tocar em vão a campainha insistentemente, pulou seu próprio muro e descobriu o casal ali, como que acampado ao ar livre na vegetação selvagem do quintal.

A maior dificuldade para a polícia, depois, foi desentrelaçar as duas mãos já rígidas a fim de transportar os corpos para o Instituto Médico Legal.

BERNARDO AJZENBERG

é paulista. Jornalista, escritor e tradutor, publicou diversos livros, sendo o mais recente *Gostar de ostras* (Ed. Rocco, 2017).

Sebastião Miguel

RECORTES DE AFETO

HUMBERTO WERNECK

Nirlando Beirão

Em *Meus começos e meu fim*, lá pelas tantas, Nirlando Beirão fala de amigos que lhe cobravam livro, na verdade mais que isso: *seu* livro. Não cita nomes, mas visto a carapuça. Faz décadas, me habituei a ler Nirlando, e a vê-lo e ouvi-lo, em nosso convívio de camaradas e colegas. Cedo se tornou, para mim, desses raros jornalistas que você procura menos pelo assunto do que pela grife, quase sempre garantia de boa viagem para o leitor. A informação lá está, mas não apenas ela; além do saber, há o sabor.

Na contramão dos que pregam um jornalismo impessoal, como se isso fosse possível, há leitores desejosos de sentir que existe uma pessoa por trás do texto informativo. Não alguém que lhe imponha a semostração do pronome "eu", mas que não se furte a transparecer no que escreve. Muito leitor quer ver uma coisa tal como foi vista, não por um robô, um aspirador de aspas, mas por um observador atento, sensível, inteligente.

Nirlando ganha de saída quem o lê porque não lhe sonega, embalando a informação, o seu modo de ver — essa prenda sem preço de que fala Drummond: "Se eu morrer, morre comigo um certo modo de ver". Sem preço — e sem igual, já que não há, não houve e jamais haverá repetição do singular modo de ver de cada um de nós. É isso, mais que a informação em si, que nos faz lembrar, tempos depois, de algo lido no jornal ou na revista, no entanto escrito para o dia, para a semana, no máximo para o mês seguinte.

Não guardei recortes do que Nirlando Beirão — nascido em Belo Horizonte em 1948 e transplantado para São Paulo nos anos 60 — vem escrevendo em meio século de atividade jornalística, mas de muitos textos dele me ficaram lembranças indesbotáveis. Sua cobertura da revolução sandinista, na Nicarágua, por exemplo. Mas também relatos nada dramáticos, como a invasão de turistas brasileiros em Buenos Aires, para

> "... as palavras iriam se converter no meu ofício, meu ganha-pão, minha obsessão. Agora me abandonam. Descobri um dia desses uma frase atribuída a Fernando Pessoa, entre as muitas que desconfio ele não terá dito, jamais terá escrito: 'Escrever é esquecer'. Se de Pessoa é, deveria estar embrulhada em algum contexto. Eu escrevo para lembrar. Até admito - como pode ter querido o poeta - que, uma vez consignada a lembrança, o resultado possa ir diretamente para a lixeira das pretensões vadias. Pode ser: escrever é lembrar e, logo depois, esquecer."
>
> (de *Meus começos e meu fim*, de Nirlando Beirão)

a *Veja*, nos anos 70. Para a *IstoÉ*, no final daquela década, "O recomeço do sonho", artigo a que Caio Fernando Abreu haverá de referir-se como tendo sido sua leitura mais impactante em muito tempo. Ou, para a *Playboy,* relatos de incursões do repórter aos refinamentos do Harry's Bar, em Veneza, e do hotel Plaza Athenée, em Paris.

Destilada em revistas e jornais, e aqui e ali em obras de encomenda, como o livro que escreveu em louvor de seu Corinthians, em tabelinha com Washington Olivetto, a prosa boa de Nirlando Beirão só fez crescer em seus leitores o desejo e as tais cobranças por um livro em que ele fosse ainda mais desenvoltamente pessoal.

Pois aqui está esse livro, joia instantânea e duradoura que, no entanto, muitos de seus muitos amigos e leitores não teriam pedido a ele que escrevesse, pelo que há de cruel nas circunstâncias que lhe deram origem. O título, inspirado nos versos célebres de T. S. Eliot, já é pista para o que se vai ler nessas quase duzentas páginas.

Fazia algum tempo que Nirlando vinha ruminando um relato para o qual caberia a primeira arte do título — seus começos, sua própria existência, determinada, mais de um século atrás, por um imperioso amor de padre e moça, contemporâneo, quem sabe, do "negro amor de rendas brancas" que Drummond pôs em versos, só que, ao contrário dele, vitorioso e fecundo: a saga de um sacerdote português, seu futuro avô António Cabral Beirão, que uma caravela moderna fez aportar no interior de Minas, onde o jovem pároco de uma cidadezinha qualquer caiu de amores pela bela Esméria — e ela por ele. Escândalo à vista, e dos graúdos. Até por ter se convertido, aos olhos dos fiéis, numa temível caixa-preta, detentor que era de segredos de confessionário, António bateu asas com Esméria, rumo, primeiro, a Alegrete, do Rio Grande do Sul (onde, professor de colégio, o ex-padre teve entre seus alunos o futuro poeta Mário Quintana), depois a Belo Horizonte, onde, jubiloso, o casal conjugaria o preceito cristão que manda crescer e multiplicar-se.

Segredo de família mineiramente sonegado à vasta descendência de António e Esméria, fragmentos dele chegariam pouco a pouco a Nirlando, o neto repórter, que o escarafunchou ao longo de décadas, até sentir-se na posse de material bastante para tecer de volta uma bela e esfiapada história. Nisso estava ele quando, três anos atrás, ouviu do médico um diagnóstico, mais que isso, um veredicto inapelável: em seu corpo se instalara uma esclerose lateral amiotrófica, ELA, processo degenerativo do qual não há retorno.

Catapultado em definitivo para o que chamou de País da Doença, Nirlando confrontou o mal terrível a que às vezes se refere, com graça muito sua, como sendo "enguiço". Refeito do atordoamento inicial, viu que tinha pela frente não mais apenas a tarefa de narrar a saga amorosa dos avós, plena de luz e vida, mas também a de enfrentar, com as palavras, aquilo que apontava para o lado oposto, o fato consumado de um "enguiço" sem remédio.

O que pode um escritor, no enfrentamento de questões vitais, senão escrever? Foi o que fez Nirlando, para logo dar-se conta de que entre as duas histórias havia o emaranhamento de que fala Eliot nas duas pontas do extenso poema *East coker*: "No meu princípio está meu fim [...], no meu fim está o meu princípio".

Nasceu dessa confluência um relato capaz de surpreender até mesmo quem já conhecia o talento e a arte de Nirlando Beirão no trato com as ideias e as palavras. Haverá quem se espante com a capacidade que tem ele de encarar com leveza, uma de suas qualidades de pessoa e escriba, realidades tão pesadas como as de seu "enguiço". O áspero enredo que o faz transitar sucessivamente da bengala para o andador e deste para a cadeira de rodas, e a progressiva perda dos movimentos que lhe deixa a certa altura pouco mais que o uso da mão direita.

Para o leitor, fica a impressão, certeza mesmo, de que nada de essencial deixou de ser dito, e dito sem um grão de pieguice. Documento humano dos mais fortes e verazes, com refinado tratamento literário, *Meus começos e meu fim* emociona, entristece, encanta, por vezes faz sorrir. Em muitos, não necessariamente cobradores, acenderá a esperança de que, aberta esta picada, possa Nirlando Beirão seguir nos franqueando seus baús de prosador dos bons.

HUMBERTO WERNECK

mineiro de Belo Horizonte, é jornalista, escritor e conselheiro do SLMG. Além de diversos livros de crônicas, é autor de *O desatino da rapaziada* (Ed. Companhia das Letras, 1992).

HABITAR O INSONDÁVEL:
A POÉTICA DOS SENTIDOS DE PRISCA AGUSTONI

RONALDO CAGIANO

Em *Animal extremo* (Ed. Patuá, SP, 2018), sua mais recente safra poética, Prisca Agustoni mapeia seu sentimento do mundo, na esteira de um percurso literário e de uma experiência intelectual e acadêmica que tem um forte lastro transcultural. Sua escritura realiza não apenas uma sondagem íntima dos ambientes geográficos e psicológicos que nos conformam, mas um transitar simbiótico entre idiomas e múltiplos universos culturais.

A obra abre-se ao leitor como um "álbum de um tempo diferente que devolve nosso olhar" para "onde deshabitar é nossa morada". Esse é o sentido primordial de uma preocupação com a condição humana, com a hipersensibilidade da artista que transcende o mero fazer poético, com os sentidos que extrapolam o tangível para desvelar o insondável que há na dor e na delícia dos mistérios existenciais.

Num livro profundamente mergulhado nas imagens e na apreensão de um quotidiano habitado pelo desconforto, ausências, silêncios e incomunicabilidade, em que o homem é esse *animal extremo* digladiando com a própria natureza, a palavra é o instrumento para escrutínio da vida e das relações encarceradas numa contemporaneidade, em que a poesia nasce para reinventá-la a partir das condicionantes que tanto embrutecem e desabrigam.

Como afirma o poeta e crítico Sérgio Alcides, "a matéria de que se alimenta [*Animal extremo*] são os ruídos da argamassa, o barulho da vida alheia", por isso cada poema é um *pathos* cartográfico que apreende a hábil mobilidade de um olhar. Com ele rastreia o que vê e sente por dentro das estruturas que delimitam o sujeito além de sua alma: as casas, as ruas, os prédios, o trânsito, os jardins, os animais, os sons, as vozes, os rios, tudo diluído no cardume pressuroso do quotidiano. Eis os lugares onde gravitam os homens, os rumores e ruídos e que, metaforicamente, são alicerces de nossas prisões e também espaços de convergência de inquietações "no coração pulsante da cidade". É a partir dessa configuração urbana e também interior que se projeta e se realiza em nós, enquanto engrenagens na moenda dessa civilização (ou modernidade) marcada pela distopia e pela insularidade. Aí vivem-se diásporas emocionais em desertos afetivos, constituímos "o novelo anônimo" de uma sociedade em ruínas, onde somos as "almas perdidas dos que ocupam essa selva de asfalto e cimento", feito "corpos tão estrangeiros", locatários de um mundo em que já não cabemos, pois "cúmplices, apesar de tudo" dos contatos superficiais e da virtualidade dos sentimentos. Prisca percorre os escaninhos desse lugar onde os homens se virtualizam mais do que convivem, visita uma arquitetura que está antes e além da frialdade do concreto doméstico e urbano e caminha para reconhecer poeticamente o que Walter Benjamin já havia vislumbrado a partir do imponderável por trás das fachadas ou máscaras que tudo escondem: "Nenhum rosto é tão surrealista quanto o verdadeiro rosto de uma cidade."

A poesia de Prisca traz ressonâncias de uma visceral delicadeza, mas tão tensa quanto imagética, que flerta com Emily Dickinson, Alejandra Pizarnik, Virgínia Wolf, Sophya de Melo Breyner Andresen, Drummond, Murilo Mendes, Luiza Neto Jorge, García Lorca, , T. S. Eliot, César Vallejo, Eugénio de Andrade, Herberto Helder etc., só para ficarmos no campo das tradições ibero-americanas e latinas, tal o vezo lírico e musical de sua engenhosa e polissêmica criatividade. Uma construção que, acima de tudo, ergue-se com

Prisca Agustoni

Em Prisca Agustoni, a palavra poética não é apenas instância de uma inegável potência emocional e reflexiva, mas recipiente de nossas contradições e dilemas, pois nasce de uma atenta auscultação dessa atmosfera de dissonâncias, em que sua "escuta é um bisturi que cinge e sutura com precisão" o pulsar da vida e carrega em seus significados os movimentos e sentidos do escreviver.

um rigor e depuração que nomeiam seu estilo, culminando num raro equilíbrio entre densidade e lirismo, sem cair nos cacoetes de um hermetismo exacerbado e impenetrável. Esse artesanato não se reduz ao território dessas afinidades, sobretudo se expande na medida em que percebemos uma intercessão, na esfera das traduções, com outros nomes e vertentes, atingindo uma heterogeneidade que conduz à universalidade, e por isso mesmo, uma identidade e uma voz peculiaríssimas.

Em Prisca Agustoni, a palavra poética não é apenas instância de uma inegável potência emocional e reflexiva, mas recipiente de nossas contradições e dilemas, pois nasce de uma atenta auscultação dessa atmosfera de dissonâncias, em que sua "escuta é um bisturi que cinge e sutura com precisão" o pulsar da vida e carrega em seus significados os movimentos e sentidos do escreviver. A autora comove-se com o que extrai "nessas vidas in vitro", da proveta de uma contemporaneidade conspurcada, com seus jardins suspensos onde vicejam cactos nos semblantes. Num percurso sensorial que converte-se em "tanto esforço para captar o indizível", Prisca afere as metamorfoses do tempo e da história, expondo um painel de imagens e sensações "que se juntam num quadro cubista/ de um precário aqui e agora."

Entre seres e sombras que coexistem na tela emaranhada do imaginário individual e coletivo, com um nítido acento crítico, faz "o espólio das horas que/ descarrilam, velozes" sobre nosso destino e opera uma narrativa de dimensão humanista, pois é um "recorte e colagem/ do olhar" ao mesmo tempo hermenêutico e cirúrgico com que diagnostica e faz suas incisões na epiderme do corpo urbano e social. Evidência de uma escrita insurgente e perplexa com tudo que diz respeito ao ser e ao estar no mundo, às vezes tão domesticado e inapreensível, em que "sobreviver é esse andar/cambaleante/ entre os resíduos e a confusão".

E para sairmos ilesos desse caos ou dos escombros de um presente que já nasceu arruinado, e nos realocarmos (ou ressignificarmos), é necessário "erguer um novo prédio/ sobre os vestígios de uma estranha guerra." É sobre essa diaspórica e drummondiana cumplicidade com "o tempo presente/ os homens presentes/ a vida presente" que Prisca decifra o *animal extremo* que nos habita. Sua familiaridade com os deslocamentos reforça e potencializa sua expressão polifônica a partir do domínio plurilíngue que a conecta com outras realidades sociais, culturais e literárias, conferindo força e sentido aos diversos aspectos da extraterritorialidade. Esse eco de vertentes estéticas, conceituais, temáticas e históricas, na linha do já referido diálogo intercultural, particulariza a trajetória da escritora, professora, tradutora e ensaísta e evidencia as sutilezas de sua matriz poética. Em suas prospecções, por via de um aguçado olhar fotográfico, faz um inventário de nossas fissuras, emulando uma poesia tensionada entre a inquietação e o apaziguamento, tal a candente energia de seus versos.

RONALDO CAGIANO
mineiro de Cataguases, é autor, entre outros, do livro de contos *Eles não moram mais aqui,* Prêmio Jabuti 2016.

CHURRASCO DE MÃE

CONTO DE FLÁVIO R. KOTHE

Eu estava fazendo um churrasco. Convidados eram um menino de sete anos e a mãe dele, além de um amigo meu, Rômulo. O menino Juan era colega e amigo do meu filho, que estava lá conosco.

Eu havia conhecido o pai de Juan: dentes e neurônios arrebentados de tanto usar crack, conforme ele mesmo me contou quando viera buscar o filho na semana anterior. A mãe de Juan era uma hiponga que trabalhava em transatlânticos e não sabia quem era o pai do feto que ostentava na barriga. O filho deles era lindo, cabelos loiros encaracolados, olhos claros, esguio, parecia o Tázio de Morte em Veneza.

Meu amigo Rômulo era professor de piano dos dois meninos há meio ano e resolveu me dar um alerta sobre eles:

– Esse menino Juan, acho que o nome dele é Isaac, com essa retaguarda que tem dos pais, corre o risco de se tornar na adolescência um usuário de drogas e pode arrastar junto o seu filho. Já vi casos assim.

– Eu não posso interferir na amizade dos dois meninos. Juan parece boa gente, sempre foi amável e respeitoso comigo, gentil. Ele é criado pelo avô, que foi porta-voz do governo. Olhando de perto, todos são loucos. Todo o mundo tem problemas.

Enquanto eu estava conversando com Rômulo em frente à churrasqueira, mexendo os espetos e regulando o fogo que teimava em subir demais (eu usava madeira, não carvão, achava que o sabor era melhor, especialmente de certas madeiras frutíferas), o menino, suplicando para a mãe não ir embora, não voltar para o alto-mar, disse que gostava muito dela. A mãe procurava se livrar dos braços dele.

– Eu já disse que não dá. Eu tenho de ir. Comporte-se! Seu avô e a Dinda vão cuidar de você, já conversei com eles.

O que eu sabia era pouco para julgar. Aliás, eu nem queria julgar, talvez poder ajudar. A mãe, nas roupas e badulaques que usava e que já deviam estar meio fora de moda, tinha todo o jeito de uma hippie, dessas que vão a lugares místicos e vendem artesanato em feiras. A cabeça dela não conseguia se deter em nada, queria sempre movimentação, conhecer novos lugares e novas gentes: trabalhar num transatlântico talvez fosse mesmo a opção mais produtiva. Para ela. Isso era, no entanto, incompatível com ter filhos e criá-los.

A sogra dela, a primeira esposa do avô, minha colega na universidade, havia me dito que se passava algo estranho com essa moça: quando ela engravidava de um homem, pegava nojo dele, como se fosse culpado por deformá-la. Antes de a criança nascer, já estava separada do futuro pai. Era a segunda vez que isso acontecia. Depois de algumas semanas de a criança ter nascido, ela a levava para o pai, dizendo:

– Toma, o filho é teu, cria.

Não voltava atrás da decisão. Para a criança, ser enjeitado pela própria mãe devia ser pior do que a rejeição pelo pai ou por outros familiares.

Sebastião Miguel

Eu havia visto a minha primeira esposa fitar com horror o nosso filho recém-nascido. Não pensava que isso pudesse acontecer. Eu havia me dedicado ao menino, sempre temendo deixá-lo totalmente nas mãos da destrambelhada e destramelada.

Ouvi Juan suplicando para a mãe:

– Fica aqui comigo, manhê. Vou ter um irmãozinho. Quero conhecer ele. Quem vai cuidar dele?

– Isso é problema meu. Eu já vou dar um jeito! O corpo é meu, ninguém tem nada de se meter!

– Mas mãe!

– Nem mas nem meio mas. Eu já lhe disse para parar. Se você continuar desse jeito, eu nunca mais apareço.

– Mãe, eu fiquei dois anos sem lhe ver!

–Vá se acostumando. Isso é bom para você crescer. Precisa ser um homenzinho.

Eu tirei a linguiça do espeto, cortei em pedaços e pedi que meu filho oferecesse para os convidados. Examinei as carnes, o gosto no centro-oeste era de carne bem passada, não do boi berrando como no pampa.

Rômulo voltou a se aproximar de mim brincando:

– Pelo jeito o churrasqueiro não tem tempo para comer!

– Ele guarda o melhor pedaço para o fim, é o pedaço do churrasqueiro.

– Você ouviu?

– Vi e ouvi. Mas o que nós podemos fazer?

– Eu estou desistindo de continuar dando aulas de piano para esse menino. Ele não quer aprender, só faz forçado pelas duas avós, não tem a menor vocação, música não é uma língua que ele entenda.

– Poucos entendem. Alguns como que nascem sabendo. E o meu filho?

– Ele tem dom musical, mas não dá o menor valor para isso, tem preguiça. Acho que uma criança precisa brincar, não ficar cinco-seis horas por dia na banqueta.

– Na minha família, há vários casos de musicalidade. A criança faz em quinze minutos o que outros precisam duas horas.

- Pessoas mais sensíveis sofrem mais. Por isso eu me pergunto se desenvolver a sensibilidade de jovens não acaba sendo pernicioso para a vida deles?!

– E daí só estudam quinze minutos?!

– Exato. Não querem ser diferentes dos outros. Ficam com vergonha. Deviam estudar ao menos o dobro dos outros, para cultivar o dom. Se a pessoa nasce com um dom, precisa servi-lo; se não, ele se torna um tirano, se vinga e destrói o dotado.

– Pessoas mais sensíveis sofrem mais. Por isso eu me pergunto se desenvolver a sensibilidade de jovens não acaba sendo pernicioso para a vida deles?!

– A alternativa é o grosseiro, brutamontes, estúpido.

– Tem gente que acha que é artista, mas é apenas neurótica.

– E sofre e lima e sua!

– Deve sofrer de TOC, como todo formalista...

Demos uma boa risada. Pedi que todos viessem à mesa, que eu ia começar a servir as carnes, picanha e maminha como se queria na cidade, não chuleta e costela como na gauchada. Vi que Juan estava enxugando as lágrimas enquanto se

assentava à mesa ao lado do meu filho. Eu me dava bem com meu garoto, ele era a família que eu não tinha, mas em geral, depois da escola, ele preferia a companhia do laptop e do i-pad.

Ofereci uma cerveja à mãe de Juan e me sentei ao lado dela. Era uma mulher bonita, magra e avoada, boa para uma aventura, não para uma permanência, para se ouvir durante 1001 noites. Conversamos sobre lugares turísticos, não tocamos no que era mais espinhoso. Falamos para não conversar.

Pouco depois chegaram os avós de Juan para levá-lo a outra festa. A segunda esposa do avô era madrinha dele, por isso ele a chamava de Dinda. A mãe se retirou com eles, meu filho foi para o quarto refugiar-se no mundo virtual.

Rômulo ficou assoviando uma música de Teixeirinha que quando garotos nós cantávamos no pátio da escola nos intervalos e que falava da pobre mãe que havia morrido quando a casa se incendiara. Nós a chamávamos de "Churrasco de mãe". Brinquei com meu amigo, que achava que a música erudita estava para a popular como o vinho para o suco de uva, sugerindo que ele estava mudando de repertório. Ele riu comigo.

Rômulo e eu ficamos conversando sobre a tendência dos jovens em abdicar do mundo se refugiando na ficção da internet. Ele contou que um aluno dele havia se tornado autista na adolescência. Os pais eram separados, a mãe criava o filho em BH, mas na adolescência não aguentou mais a rebeldia dele e mandou-o para o pai, que havia se preocupado em fazer pelo filho tudo o que não fizera durante os últimos anos. O filho não queria nada. Não ia à escola, não estudava piano. O pai, que era programador, tentou ensinar-lhe a fazer programas de jogos eletrônicos, mas o rapazinho não quis saber. Ficou tão apático que não houve outro jeito, por fim, senão internar numa clínica.

Eu contei que na minha vizinhança haviam acontecido dois casos com filhos que já haviam chegado aos trinta anos, mas nem estudavam nem trabalhavam, apenas ficavam em joguinhos eletrônicos dia e noite. Viviam à custa dos pais, devido ao apoio das mães. Em um dos

O filho não queria nada. Não ia à escola, não estudava piano. O pai, que era programador, tentou ensinar-lhe a fazer programas de jogos eletrônicos, mas o rapazinho não quis saber. Ficou tão apático que não houve outro jeito, por fim, senão internar numa clínica.

casos, o pai havia dado uma semana para o filho tratar de arranjar emprego e sair de casa. O filho mais velho, que tinha uma empresa de informática, chamou o irmão para trabalhar com ele e levou-o consigo. No outro caso havia sido pior: o pai, depois de muitos avisos e conversas, havia dado três dias para o filho sair de casa. O filho se enforcou.

Rômulo e eu ficamos conversando, olhando a chuva gotejar lentamente nas folhas das árvores. Éramos impotentes para resolver tantas dores do nosso tempo. Não sobrecarregar aos outros era a maior caridade que podíamos fazer.

FLÁVIO R. KOTHE
gaúcho de Santa Cruz do Sul, é licenciado em Letras, mestre, doutor e livre-docente em Teoria Literária. Atualmente é professor titular de Estética na Universidade de Brasília.

POEMAS DE JACYNTHO LINS BRANDÃO

Poética

Sempre pensei poesia
Mas nunca versos escrevi:
Aquilo da coisa fria
Que baixa, noite do dia
Este dia eu já perdi

Sempre pensei poesia
Mas nunca quase escrevi:
Minha vida é incompleta
Momento algum subsiste
Pra que ser alegre ou triste?
Sem metro haver que conserte
Quem somente não é poeta

Sempre pensei poesia
Escrevê-la pouco quis
Tristeza, gáudio se havia
Disso escapei por um triz

Escrevo não, sendo contente
Escrevo não, quando arrasado
Escrevo não, conscientemente
E quem diz: minto, digo: mente
Pois só escrevo atrasado

Hoje quero é mais mudar-me
E vou fazendo este tanto
Sem plano, nenhum alarme
Sem saber fazer portanto

Desfazer-me a vida veio
Assim sem qualquer alarde
Fico eu partido ao meio
Cada metade em mim arde

Quando baixa a coisa fria
Dia, tarde, noite escura
Sem achados, só procura
Incompleta a vida fia

E só poesia me resta
E só poesia me apresta
E só poesia me atesta
Só poesia me molesta
Só poesia _____

Antibandeira

O teu seio que em minha mão esteve nunca
O meu poema trunca.
Não há Platão que o diga
De modo que eu o siga:
A não-ideia do seio de ninguém.

Velhice

perdi meu tempo escrevendo coisas sérias
relatórios convênios comentários
perco meu tempo escrevendo versos longos
que ninguém lê

passei a vida com pessoas médias
funcionários escrivães otários
perdi meu tempo procurando versos
sem escrever

cada linha que traço sai oblonga
e se alonga e se alonga
o que quero dizer-te é tão breve
mas quem se atreve?

cada dia me perco em coisas nédias
reluzentes deprimentes
só não quero que digam que não disse
tudo que visse

JACYNTHO LINS BRANDÃO
mineiro de Rio Espera, é professor licenciado em Letras pela UFMG. Membro da Academia Mineira de Letras, publicou, entre outros, E*popeia de Gilgámesh* (Ed. Autêntica, 2017).

TRADUZINDO

WILLIAM BLAKE E D. H. LAWRENCE

MÁRIO ALVES COUTINHO

"Os desafios da tradução criativa": este título, que é o desse colóquio, expressa com propriedade quase todas as minhas dificuldades, problemas, dúvidas, certezas, e o que talvez eu tenha conseguido, ao final do meu trabalho.

Desafios: certamente, era uma enorme provocação para um mero graduado em psicologia, crítico, ensaísta e roteirista de cinema, naquela época, traduzir para o português um dos maiores gênios da poesia universal, William Blake. Que escreveu num inglês não exatamente moderno, de mais de duzentos anos atrás, com um estilo e uma pontuação (voltarei a falar disso) bem característicos. Quando lembro que uma das minhas intenções era traduzir integralmente uma das maiores obras-primas da literatura ocidental, "O Casamento do Céu e do Inferno", e que eu conhecia pelo menos uma tradução desse livro (a de Oswaldino Marques), o que não tornava minha tarefa mais fácil, me pergunto até hoje como tive esta ousadia. Traduzir a poesia aparentemente mais simples e moderna de D. H. Lawrence não era uma tarefa em nada mais confortável: qualquer vacilação, e a beleza solene de seus poemas ficariam vulgares em português. Quanta responsabilidade e que enorme desafio!

Tradução: aprendi todas as línguas que sei não em um curso superior, ou numa escola especializada, mas por um motivo simples: eu não encontrava (ainda não encontro, ainda hoje, apesar da melhora enorme nesta área), em português, muitas obras de autores que eu havia aprendido a amar através das traduções existentes, muitas vezes únicas, naquele momento, daquele autor. Como eu havia aprendido inglês e francês (o espanhol, nem isso) no curso médio, dispunha dos conhecimentos iniciais dessas línguas. Tratava-se então de pegar as obras no original, ter um dicionário ao lado, e mãos à obra.

Quando aprendemos a ler obra-primas no original, desejamos que todos possam ler esses livros tal como nós. Infelizmente, as coisas não são assim: a maior parte lê somente na sua própria língua (algumas, nem isso). O passo seguinte foi lógico: tentar passar, oralmente, para algumas pessoas, as belezas que haviam sido passadas a mim (E. M. Forster, romancista inglês, autor de *Uma passagem para a India*: "O apreciador de um empreendimento e realização estética transforma-se, num registro menor, num artista; ele não pode descansar sem comunicar o que foi comunicado a ele", em *Two Cheers for Democracy*).

Feita a tradução, para os amigos, o passo seguinte foi publicar aquelas peças em suplementos culturais especializados: fiz exatamente isso, com ensaios acoplados, no Suplemento Literário de Minas Gerais, no Caderno de Sábado do Jornal da Tarde, de São Paulo, e no Pensar, do Estado de Minas, em diferentes ocasiões.

Por que exatamente uma antologia desses dois autores, juntos? Não seriam eles – embora tendo em comum a língua inglesa – muito diferentes? Tentei responder a essa pergunta no posfácio do livro "Tudo que vive é Sagrado". Confesso algumas identificações entre este tradutor e os dois autores: os três originários de famílias protestantes (embora nenhum de nós três continuássemos protestantes por muito tempo depois da infância), um bom conhecimento da bíblia (no caso deles, bastante aprofundado, e um uso estilístico e mitológico extraordinariamente inteligente desta melhor das literaturas). Preciso dizer que não tenho um centésimo do gênio deles?

Além dessas identificações, e mais o fato de ambos terem sido artistas plásticos, algo mais unia esses autores: a categoria do Sagrado. Nos seres humanos (a mesma coisa quanto aos animais e plantas) eles não viam somente homens, mulheres, animais e plantas, mas deuses, qualidades divinas (e satânicas, também. Aqui aparece o mal nas suas obras...). Em cada ser vivo, para eles, está presente algo único, diferente, digno de ser preservado e cantado, ou, como disse Georges Bataille, em *Théorie de la religion*, "um valor incomparável". Eles viam em cada um de nós um vislumbre de algo muito maior. Como escreveu Lawrence, "Os deuses são todas as coisas e nós também/os deuses são somente nós mesmos nos nossos momentos de pura manifestação". Cantores do sagrado, mas de nenhuma religião, eles, como disse o crítico Robin Wood, tinham um "compromisso com a liberação (...) com a completude espontânea e criativa do ser, com o corpo e a sexualidade como inseparáveis de qualquer existência intelectual ou espiritual". Sobretudo, os dois haviam

celebrado a vida com os mais belos poemas e canções sobre a sexualidade, o corpo, o gozo, o prazer. Resumindo: fizeram arte afirmativa, de altíssima qualidade, como escreveu Nietzsche: "Não existe algo como arte pessimista: a arte afirma (...)". E Eric Bentley, em *A experiência Viva do Teatro*: "...o desespero não canta. Se um homem desesperado começa a cantar, já está transcendendo o seu desespero. Sua canção é a sua transcendência". Se toda arte é afirmativa, mesmo a tragédia, a diferença fundamental de Blake e Lawrence em relação à arte trágica é que com eles isto acontece em primeiro plano, desde o começo, sem dúvidas ou ambivalências e sem que a obra deles deixe, por um momento que seja, de ser extremamente sofisticada e formalmente brilhante. Essa celebração da vida não os impede, também, de ver os estragos do que chamarei, lembrando Freud, a pulsão de morte. Ao contrário, faz com que eles ataquem com ironia, e sem piedade, aqueles que contribuem para a dominância da destruição no mundo em que vivemos: esse movimento em direção à ironia é claramente parte da afirmação.

Ao contrário, faz com que eles ataquem com ironia, e sem piedade, aqueles que contribuem para a dominância da destruição no mundo em que vivemos: esse movimento em direção à ironia é claramente parte da afirmação.

Mesmo na poesia em prosa e no verso branco, da qual se ocupa "Tudo que vive é Sagrado", volta e meia deparamos com aliterações e rimas no interior do verso. Minha tentativa (mostrarei, em seguida, exemplos do que tentei, do que consegui e do que não consegui) foi sempre procurar a aliteração e rimas no verso também em português, sem alterar fundamentalmente o significado do que estava sendo dito. Mesmo porque eu sabia que a edição seria bilíngue e que os leitores, hoje, mesmo com um conhecimento rudimentar da língua, muitas vezes são capazes de ver e constatar estas aliterações, sem entender exatamente o que foi dito (isto é o que estava sendo suprido pela minha tradução).

Quanto à pontuação que William Blake usa, gostaria de evidenciá-la com alguns detalhes do texto em inglês. A pontuação de Blake é típica, e até onde conheço, somente dele: em frases que atualmente, e mesmo na sua época, qualquer autor usaria uma vírgula, pois a frase prossegue, ele usa um ponto. A frase seguinte começa, muitas vezes, com uma letra minúscula na primeira palavra, mas não necessariamente. Como no seguinte exemplo, de "O Casamento do Céu e do Inferno":

"The worship of God is. Honouring his gifts in other men each according to his genius. and loving the greatest men best, those who envy or calumniate great man hate God, for there is no other God".

Esse trecho foi extraído do livro "The Complete Graphic Works of William Blake", que contém todos os trabalhos gráficos dele, inclusive todas as páginas dos livros que ele compôs e imprimiu (além de escrever seus livros, William Blake os desenhava, imprimia e os iluminava, intelectual, artesão e operário ao mesmo tempo). E aparece exatamente assim em "The Complete Poetry and Prose of William Blake", editado por David V. Erdman. Se a comparamos com a citação da edição, em inglês, do mesmo trecho, extraída do livro de Paulo Vizioli, (o segundo parágrafo depois de "A memorable fancy") veremos que ele fez as seguintes alterações ao texto de William Blake, em inglês, no seu livro de tradução bilíngue: em sucessão, colocou uma vírgula onde Blake colocou um ponto; em seguida, colocou uma vírgula onde originalmente não existia pontuação nenhuma; uma vírgula onde vemos um ponto; e finalmente ponto e vírgula onde existia uma vírgula. Na edição bilíngüe de Oswaldino Marques, a pontuação é ligeiramente diferente da de Paulo Vizioli. Onde existe um ponto, ele coloca dois-pontos; uma vírgula onde não existe pontuação nenhuma; uma vírgula onde Blake colocou um ponto; dois-pontos onde existia uma vírgula e finalmente, onde vemos uma vírgula, ele colocou dois-pontos. Como pode ser visto, esse trecho, que no "Complete Poetry and Prose of William Blake" tem praticamente três linhas, e que segue a pontuação do autor fielmente, sofreu todas essas alterações de pontuação apontadas, nas edições bilíngues de Paulo Vizioli e Oswaldino Marques.

Faço questão de lembrar que não estou discutindo a(s) qualidade(s) das traduções de Paulo Vizioli e Oswaldino Marques, mas somente o texto em inglês que aparece nos livros que produziram. Até hoje, o texto em inglês de *The marriage of heaven and hell* é assinado por William Blake, somente, e não por William Blake/Mario Alves Coutinho ou William Blake/Paulo Vizioli ou William Blake/Oswaldino Marques. Por esse motivo, acho que a pontuação de William Blake deveria ser seguida fielmente, pois ele tinha uma intenção ao fazê-la, e no final das contas, assina a obra sozinho... Os escritores deste momento histórico da língua inglesa (Jane Austen, Samuel Taylor Coleridge, John Keats, Shelley, Wordsworth) não escreviam assim: esse não era, portanto, um estilo de época, que depois, mudou, como é o caso de colocar em maiúsculas palavras que o autor julga importante na frase, e que é um resquício do costume dos anglo-saxões de colocar em maiúscula os substantivos, que os alemães preservam até hoje. Blake também colocava em maiúscula vários substantivos, preservando nos seus textos algo que já na sua época os escritores ingleses não faziam mais. Neste caso, Paulo Vizioli e Oswaldino Marques traduziram como no original.

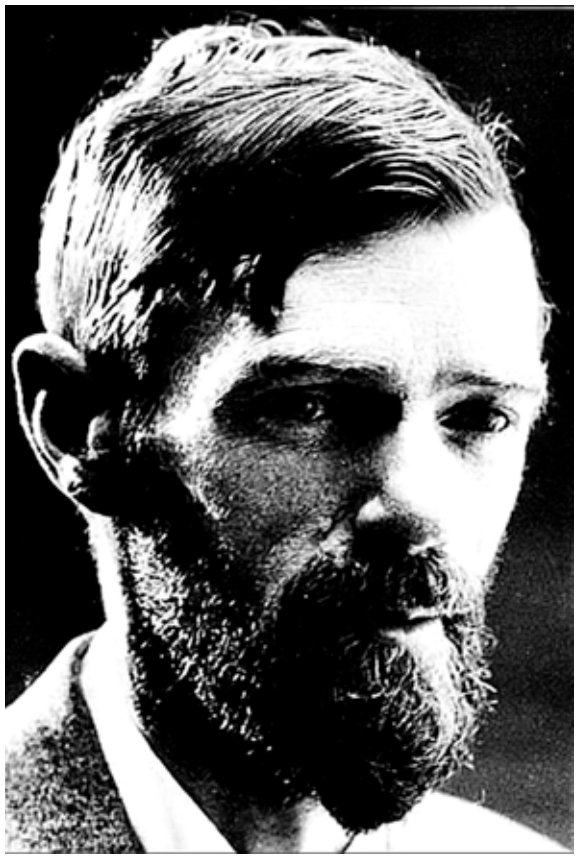
Não conhecer as intenções de William Blake não é razão suficiente para, como é dito no jargão dos jornalistas, "copidescar", ou "melhorar" Blake. "Copidescar" (ou "melhorar") Blake além de injustificável, é extremamente pretensioso. É também pouco respeitoso com o leitor fazer essas modificações que, suponho, tem origem na intenção de facilitar o trabalho de leitura e interpretação: é como se, sem essas modificações de

pontuação, o leitor ficasse perdido, incapaz de ler o que está na sua frente. Penso, ao contrário, que os leitores de poesia em geral, e os leitores de Blake em particular, não necessitam dessa "facilitação", se é esse realmente o motivo, pois são perfeitamente capazes de refazer o percurso do nosso autor, compreendendo à sua maneira a pontuação, como é o direito de todo e qualquer leitor: interpretar a obra – que deve idealmente ser disponibilizada para ele exatamente como o autor a escreveu – segundo suas possibilidades e capacidades.

Por todas essas razões, portanto, o texto em inglês das edições da Crisálida segue fielmente a pontuação de William Blake. Na minha tradução, fiz questão de seguir a pontuação do autor inglês: a 'dificuldade' do inglês, americano ou australiano, que lê Blake, hoje, deve ser compartilhada, no meu entender, pelo leitor da tradução portuguesa. O efeito de "estranhamento", na minha maneira de ver, deveria ser mantido: foi o que fiz.

William Blake

Quanto às aliterações, traduções mais ou menos fiéis, problemas que enfrentei e critérios que usei, gostaria de me deter em alguns detalhes de minhas soluções, dúvidas, e mesmo tentativas malsucedidas. Na primeira linha das páginas 32/33 (estarei sempre me referindo a primeira edição de "Tudo que vive é Sagrado", 2001), existe um exemplo simples. Um dos provérbios infernais de William Blake é: "The Pride of the peacock is the glory of God". Primeiramente, traduzi fielmente, 'pride' por 'orgulho'. Depois, percebi que uma das acepções dessa palavra era 'pompa', o que tinha a vantagem suplementar de propiciar a aliteração existente no original. A tradução definitiva ficou: "A Pompa do pavão é a glória de Deus".



D. H. Lawrence

Nas páginas 70/71, na quarta linha, "But wether he is Passive & Polite & a virtuous Ass", primeiro eu traduzi "Polite" por "educado", automaticamente. Olhando o dicionário, vi que "polido" era a primeira acepção, o que mais uma vez proporcionava a aliteração. Isso me fez aprender algo, logo de início: resistir às traduções instintivas, ter uma certa dose de humildade e consultar o dicionário mesmo nas palavras mais fáceis e de tradução automática. Já no caso de "nemesis", nas páginas 146/147, já no título, a melhor solução, penso, foi a tradução literal, nêmesis. A outra possibilidade, castigo, poderia ter sido usada por Lawrence, em inglês: "punishment". Se ele colocou "nêmese" é porque queria falar do castigo merecido.

Nas páginas 236/237, no meio da página, na poesia "Sleeping and waking", em "dark, dreamless sleep, in deep oblivion", temos três aliterações: "dark", "dreamless" e "deep". Minha primeira tradução, no piloto automático, era: "negro sono sem sonhos, profundo esquecimento", com somente duas aliterações (se não considerarmos a preposição 'sem'). Ao trocar 'negro' por 'sombrio', consegui a terceira: "sombrio, sono sem sonhos". Mas não exatamente traduzindo as mesmas palavras. Mas como eu já havia conseguido o mesmo número de aliterações...

Em "carrion creatures", páginas 188/189, no final do poema "Proper pride", traduzi, primeiro, por "criaturas da imundície". Depois, notei que poderia conseguir a aliteração com "criaturas corruptas". Ganho suplementar: não usei a preposição "da", uma economia importante numa tradução (ou em qualquer texto): de uma maneira geral, ser sucinto é ser elegante. Menos sempre é mais.

Elegância esta que me faz lembrar um caso comum, quando se trata de traduzir do inglês para o português. Em inglês o pronome acompanha o verbo: em português, não necessariamente. Nas páginas 226/227, em "all I want of you/is that you shall achieve your own beauty", não traduzi o segundo "you", por razões de economia. A tradução ficou: "tudo que quero de vocês/é que conquistem sua própria beleza".

Mas se a economia na tradução, na maioria das vezes, significa elegância, isso não acontece sempre. Nas páginas 104/105, logo no segundo verso, em "And I am I, I am never you", na primeira versão, eu havia cortado o terceiro eu, e a tradução havia ficado "E eu sou eu, nunca sou você", o que estava correto, mas não me pareceu satisfatório. D. H. Lawrence era particularmente enfático naquela passagem, insistia muito na afirmação do ser individual. Coloquei, então, o terceiro eu, e embora repetir palavras não seja uma boa ideia, naquele verso eu achei que ficava melhor: "E eu sou eu, eu não sou nunca você". A tradução é uma arte, não uma ciência. Muitas vezes, decidi entre duas possibilidades lendo minha versão em voz alta, para descobrir qual era a musicalidade mais apropriada, em português, para aquele verso.

Nas páginas 212/213, quinto verso de baixo para cima, encontramos um outro caso de repetição de palavras e ênfase, agora não ligado à questão pronominal. O verso é o seguinte: “I always wanted to be as flowers are”, que num primeiro momento traduzi por “sempre quis ser como as flores”; pensando melhor, achei que a ênfase e a repetição faziam parte do efeito do verso, e coloquei “sempre quis ser como as flores são”. O que me fez compreender algo que os bons tradutores sempre souberam: não existem regras definitivas, somente critérios razoáveis que, de vez em quando, devem ser discutidos e mesmo desafiados. Isso porquê, muitas vezes, deparamos com casos em que aquele critério não é o mais importante (o da economia, por exemplo) e sim um outro (o da beleza do estilo ou até mesmo a ênfase necessária e prenhe de sentido). Qual dos dois critérios conflitantes devemos obedecer? Somente uma análise caso a caso permite tomar uma decisão.

Um caso onde meu ouvido foi determinante pode ser lido nas páginas 76/77, pouco abaixo do meio, onde poderão ler, em inglês, “Thought is Act”. Primeiro, traduzi por “Pensamento é Ato”. Depois, preferi “Pensamento é Ação”, por razões de pura eufonia: pareceu-me que “Ação”, nesse caso, ficaria mais imponente. Qualquer um dos dois está correto e um outro tradutor poderia achar mais bela a outra solução. Mas como seria eu que iria assinar a tradução...

Muitas vezes, a solução mais elegante, talvez a mais usada, não é exatamente a literal. Nas páginas 200/201, segundo verso, vemos um exemplo de como nem sempre é assim. Minha primeira versão para “Begets a murderer in his own body” foi “gera um assassino dentro de si mesmo”. Ao fazer a revisão, achei que, traduzindo literalmente, “gera um assassino dentro do seu próprio corpo” o poema ganhava uma imagem muito mais forte e direta, e mantive essa versão. Esse é um caso onde a tradução literal é, de fato, a mais forte e criativa, além de mais ousada.

Finalmente, gostaria de mostrar a vocês um dos atos falhos da minha tradução. Na página 254, terceiro verso de baixo para cima, no poema “Sex won’t work”, “Sexo não funcionará” podemos ler os versos “... the young, who copulate so freely,/have no experience of sex at all...”. Minha primeira versão cometia um ato falho clássico; traduzia “sex” não por ‘sexo’, mas por “amor”: “...os jovens, que copulam tão livremente/não tem nenhuma experiência do amor...”, em vez de “experiência do sexo”, como está no original. Um ato falho tipicamente cristão, de uma grande ironia, se levarmos em conta o ateísmo do tradutor...

E quanto ao conceito de “criativo”, do título “os desafios da tradução criativa”? Tenho certeza que procurei trabalhar com o máximo de concentração e dedicação: perdi a conta da quantidade de revisões que fiz à essa tradução. Tentei trabalhar com o maior rigor possível, lendo não somente as edições mais fiéis aos dois autores, o que é o mínimo que se pode esperar de um tradutor, mas no caso de William Blake, consultando até mesmo seus originais gráficos, contidos no livro “The Complete Graphic Works of William Blake”. Procurei, também, ser fiel aos dois autores, tentando verter, para o português, na medida do possível, a forma e o conteúdo de seus poemas. Algumas vezes, ser criativo pode significar voltar ao começo, à origem, à revelação primeira. Será que consegui ser criativo? Responder a essa pergunta é um direito de cada leitor desta e de qualquer outra tradução.

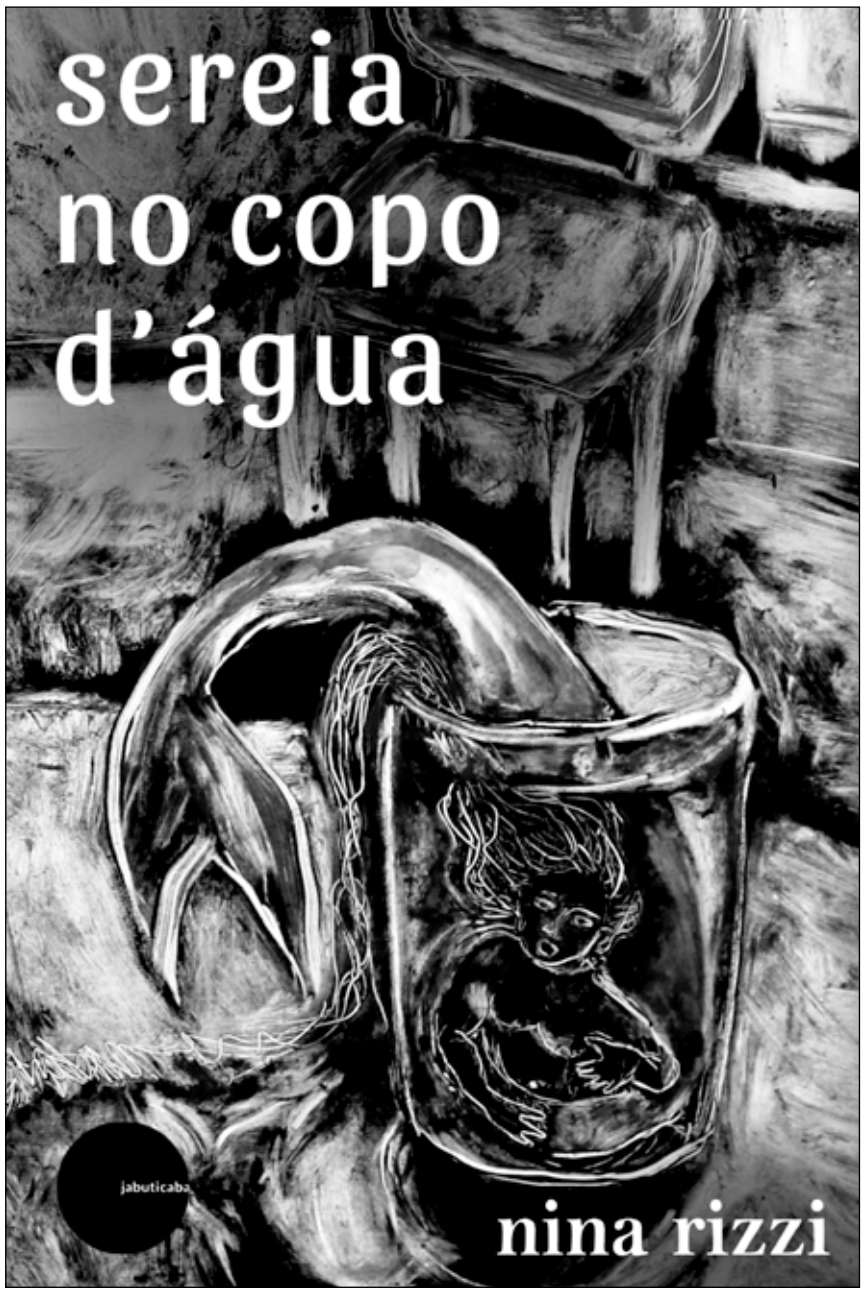
E quanto ao conceito de “criativo”, do título “os desafios da tradução criativa”? Tenho certeza que procurei trabalhar com o máximo de concentração e dedicação: perdi a conta da quantidade de revisões que fiz à esta tradução.

Termino citando E. M. Forster, outra vez: “as obras de arte têm esta qualidade ativa e característica: a exaltação que presidiu à sua criação está sempre cercando-as, e fazem artistas menores daqueles que sentiram seu poder”. Por isso mesmo, sou extremamente grato a estes dois gênios, William Blake e David Herbert Lawrence, certamente mais vivos do que nunca, e tremendamente necessários neste momento histórico em que vivemos, onde a pulsão de morte está tão presente, no mundo inteiro e no Brasil, eles que criaram belíssimas obras-primas, vivas e vitais, algumas das quais me esforcei em traduzir da maneira mais criativa possível, em “Tudo que vive é Sagrado”. Será que consegui?

MÁRIO ALVES COUTINHO

escritor, ensaísta, roteirista cinematográfico, é Doutor em Literatura comparada pela Faculdade de Letras-UFMG.

4 POEMAS DE NINA RIZZI



barcarola mulher

toco teu rosto
tão lindo tão seu

inominável teu rosto
jamais tocado

inominável teu rosto
cravejado por nove balas

toco teu rosto
e sei o que diz

inominável um rosto
cravejado por nove balas

- mulher não saia de casa
- mulher não à essa hora
- mulher não favelada e negra
- mulher não mãe de rua
- mulher não metida em política
- mulher não com outra mulher
- mulher não com outras
e outras e outras e outras e tantas
- mulher não com todo esse poder

toco teu rosto
inominável inatingível

sejam balas ou canhões
além o tempo e qualquer homem

- mulher seu rosto marielle
- mulher enfim

inominável
me toco

salmo negro
para m.

ninguém viu além a foto do poeta
publicada na revista duzamigus

em festa um milhão de exemplares
grátis pra fazer vibrar até feministas

a mulher recolhida num arrozal em neve
de grão em grão recitava em seu silêncio

eu sei porque o pássaro engaiolado canta

nenhum trovão nenhum perdão

os sinos das catedrais continuam
a badalar todo dia à hora do ângelus
25 horas de festa
o mundo condecorava o grande poeta
quando mais uma mulher morria

em lugar de exame

pergunto a un enfant terrible
se tudo que move é sagrado
o que é o que não se move

ouço plantinhas insultadas
pego na concha das mãos
plantinhas y plantinhas

como um corpo que não aguenta mais
pergunto a un enfant terrible
como ser desde a imobilidade

meu ventre vai mal, alagoas vai mal
o jaburu vai mal, ladeirabaixo é o pixo
mas olha, ondas de amor me invadem

brinco de estátua e digo
se mexe rauuullll

depois d'o poço

primeiro é um coágulo só
e o coágulo vai entrando na gente
e a gente vai entrando no coágulo
e o coágulo já é mais e mais, olha

o travesseiro molhado no chão
os azulejos quebradiços no banheiro
sangue sangue sangue

aquela lamaceira toda, bruna
como um poço um fundo de poço
um poço sem fundo um espelho
manchado transparente atro breu

coágulo ainda tudo
um aroma um endométrio que abraça
te abraço co' esses ossos ah

uma paz quase terrível

NINA RIZZI
paulista de Campinas, é escritora, tradutora, pesquisadora, editora e professora. Autora de *tambores pra n'zinga* (poesia, Multifoco, 2012), *A Duração do Deserto* (Editora Patuá, poesia, 2014), *geografia dos ossos* (Douda Correria/ Portugal, poesia, 2016), *quando vieres ver um banzo cor de fogo* (poesia, Editora Patuá, 2017) e *sereia no copo d'água* (poesia, Edições Jabuticaba, 2019).

ITAUTOPIA

CONTO DE ADRIANE GARCIA, SÉRGIO FANTINI E TADEU SARMENTO

Josiel não é dos auditores mais espertos, nem mesmo dos medianamente inteligentes ele se aproxima, mas Josiel é um homem de sorte, desde a infância. Inábil como ele só, ganhava todas as disputas de que participava com os coleguinhas. Na adolescência, volta e meia se via a sós com a garota mais bonita do baile. Na juventude, esteve desempregado, mas nunca sem dinheiro, graças à herança de um tio que grafou erradamente o nome do próprio filho (Jasiel) cujo sobrenome coincidia com o dele. Como se tornou auditor? Passou no concurso público com provas de múltipla escolha: fechou todas as questões, cem por cento de aprovação. Entrou como a grande promessa da seção, todos apostavam que em um ano seria chefe.

E foi. Não bastasse ser sorteado em todas as festas de final de ano, quando levou até mesmo aquela TV de 75 polegadas apreendida de contrabando, teve o nome escolhido para fazer a auditoria mais importante daqueles tempos: a da dívida pública brasileira. Pairavam suspeitas irresponsáveis de que o país havia pago tal dívida umas cinco vezes e que o crédito já era, se existisse, prescrito. Coisas do marxismo cultural. Josiel, então às voltas com arquivos e mais arquivos, dossiês gigantescos, resolveu apostar mais uma vez na sorte, que nunca lhe abandonava, e escolher, a esmo, as páginas para sua conferência. Um dos credores, o maior banco privado do país, preocupado com a famosa eficiência de Josiel, quis assegurar que tudo sairia muito correto e enviou dois assistentes, homens de confiança e tino, para auxiliá-lo.

Segundo Josiel, só o fato de o banco ter enviado ajuda já contava pontos positivos na auditoria. Ainda assim, decidiu não amolecer e trabalhou com afinco, por dias e noites inteiras, disposto a encontrar o menor erro que fosse: de um empréstimo para pagar juros a qualquer outro tipo de rolagem ilícita. Durante os jantares diários oferecidos pelos dois assistentes do banco, acabou reconhecendo, entre um gole de Romanée-Conti e uma tragada num cubano autêntico, que a dívida pública estava correta; logo, que era justo que se continuasse cobrando juros exorbitantes, que abocanhavam, todo ano, mais da metade do que se arrecadava de impostos no país. Foi o que concluiu Josiel no último jantar, depois de pedir para o garçom embrulhar os restos de comida para dar ao mendigo que, lá fora, implorava por um pedaço de pão.

O banco resolveu comemorar o justo resultado da auditoria lançando uma coletânea de contos felizes para um país feliz e iluminado — era mais ou menos o que dizia o edital, utopias para um mundo do bem. Josiel, obviamente, foi convidado para a festa. O próprio projeto era fraterno, os escritores doavam os textos em troca da divulgação do seu trabalho. O importante era alentar o coração dos correntistas. Na sala da diretoria, brindava-se por mais esse produto cultural. Enquanto no saguão atores faziam a leitura dramática dos textos, diretores do banco, emocionados, choravam. É o poder da literatura. Um deles, poderoso do mais alto escalão, tão comovido e sabendo que continuava credor do eterno endividamento do estado, começou até a pensar na transferência dos 25 bilhões de impostos devidos — e perdoados — aos cofres públicos.

— Vejam, senhores: quanto menos futuros potenciais pudermos imaginar, mais pobre e fechado de possibilidades será o presente.

Um gerente de agência, que estava ali entre os maiorais só por ser afilhado de crisma da esposa de um deles, concordou:

— Um esforço de imaginação é necessário para destravar tudo de que a vida é capaz.

— Isso mesmo! Pensar o mundo e criar narrativas a respeito de futuros possíveis…

— …comunicar outras formas de viver, outras maneiras de organizar a sociedade.

— Um ponto de chegada, hoje inexistente, a que podemos visar. Dessa forma, vamos parar de imaginar distopias.

— A ideia, pelo contrário, é iluminar caminhos.

Aqueles homens engravatados e gordos e rosados e satisfeitos se irmanavam traçando tão altas filosofias para engrandecer a pátria.

Josiel observava toda a cena. Interiormente, sorria: era mesmo um homem de sorte. Toda história em que entrava tinha um final feliz.

SÉRGIO FANTINI
mineiro de Belo Horizonte, é ficcionista e poeta.

ADRIANE GARCIA
mineira de Belo Horizonte, é poeta.

TADEU SARMENTO
pernambucano de Recife, e escritor premiado no Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura-2016.

POEMAS DE ADRIANO CIRINO

Sonhos diurnos

Se da vassoura tomo o cabo
emprestado pela manhã,
faço de conta, e então me gabo,
que sou Quixote ou d'Artagnan.
Não se fixa, contudo, o mastro
se lhe faltam, da cortesã,
sobre o lavabo a boca ou o rabo
nos quais possa afogar o afã.

Do mastro agora o cabo castro
– pois que deste pincel a tinta é rastro.

Filosofia

Folheio o largo e empoeirado volume
que me confiou, sem nenhum ciúme,
uma boa orientanda por empréstimo.
E eis que – por sobre o CAPÍTULO SÉTIMO –,
feito um destes marcadores de página,
uma fotografia sua atina:
antiga, de quando, quem sabe, neta
era ela! Doce, lolita e sapeca.
Vira-a pelo avesso; bebo em uma caneca...
penso, co's meus botões, tal um asceta:
"Por que não a saquear antes que se acabe
o livro? Por que não? se em meu bolso bem cabe...".

ADRIANO CIRINO
mineiro de Belo Horizonte, é jornalista freelancer graduado pela UFMG. É autor do livro *Nos bastidores de 'Escobar' & outras crônicas bogotanas* (Crivo Editorial, 2018).